

VERÔNICA PATERNOST

**A MOTRICIDADE COMO BASE PARA A APRENDIZAGEM:
O Estudo de Um Caso pela Reorganização Neurofuncional**

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL

SEÇÃO CIRCULANTE

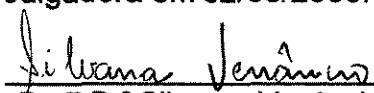
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

2000

VERÔNICA PATERNOST

**A MOTRICIDADE COMO BASE PARA A APRENDIZAGEM:
O Estudo de Um Caso pela Reorganização Neurofuncional**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de Mestrado defendida por Verônica Paternost, e aprovada pela Comissão Julgadora em 02/08/2000.


Profª. Drª. Silvana Venâncio

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2000**

UNICAMP

**BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

iii



200101986

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	77 UNICAMP
	P272m
V.	Es.
TOMBO BC	4.3726
PROC.	16-392107
C	☐
D	☒
PREC.	R\$ 11,00
DATA	10/02/07
N.º CPD	

CM-00153421-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

P272m Paternost, Verônica

A motricidade como base para a aprendizagem: o estudo de um caso pela reorganização neurofuncional / Verônica Paternost. -- Campinas, SP : [s.n], 2000.

Orientador: Silvana Venâncio

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Aprendizagem. 2. Leitura. 3. Motricidade humana. 4. Capacidade motora. 5. Escrita e leitura. I. Venâncio, Silvana. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

SUMÁRIO

Dedicatória -----	Vii
Agradecimentos -----	Viii
APRESENTAÇÃO	
A história de cada um -----	X
Resumo -----	Xiv
Abstract -----	xv
INTRODUÇÃO -----	01
CAPÍTULO I Construção Sagrada	
Construção Sagrada-----	05
O Pequeno Valente-----	07
Para além do jardim encantado: na floresta-----	11
Uma nau à deriva: nosso primeiro contato-----	12
Caminhos do compreender: o que há pelo castelo?-----	14
Abrindo caminhos-----	23
A composição de nossa visão terapêutica-----	23
Visão e prática pedagógicas-----	24
Processos do andar-----	26
Processos do falar e do pensar-----	28
Bases e buscas: gênese do Método Padovan-----	29
CAPÍTULO II Reorganização Neurofuncional	
O começo da caminhada-----	33
Do porão à torre: a ontogênese da motricidade-----	35
Também um olhar para os lados: a lateralidade-----	48
Expressão e compreensão: o ato da leitura e o da escrita-----	50
CAPÍTULO III O Processo Terapêutico	
Primeira Etapa-----	55
O começo da jornada-----	55
Germinando : Primeiro semestre de 1998-----	59
Categorias de Observação-----	61
O domínio da ação motora-----	61
O domínio da expressão social-----	62
O domínio da reflexão: consciência de si-----	62
Processos do andar, do falar e do pensar-----	63
Segunda Etapa-----	64
Florescendo: Segundo semestre de 1.998-----	64
Categorias de Observação-----	64
O domínio da ação motora-----	66
O domínio da expressão social-----	67

O domínio da reflexão: consciência de si-----	67
Processos do andar, do falar, do pensar-----	68
Terceira Etapa-----	68
Frutificando : Primeiro semestre de 1999-----	68
Categorias de Observação-----	71
O domínio da ação motora-----	71
O domínio da expressão social-----	71
O domínio da reflexão : consciência de si-----	72
Processos do andar, do falar e do pensar-----	72
Quarta Etapa-----	72
Início da colheita : Segundo semestre de 1999-----	72
Categorias de Observação-----	75
O domínio da ação motora-----	75
O domínio da expressão social-----	75
O domínio da reflexão : consciência de si-----	75
Processos do andar, do falar e do pensar-----	76
CAPÍTULO IV Considerações e Continuidade	
Natureza Pródiga-----	77
Às Margens do rio-----	82
Referências Bibliográficas -----	86
Bibliografia -----	89
Anexos	
Roteiro de entrevista semi-estruturada com o aluno-----	91
Poesias-----	92
Fotografias de alguns exercícios-----	95
Texto utilizado para leitura na avaliação com o aluno-----	100
TEXTOS produzidos pelo aluno-----	101
GERMINANDO : Primeiro Semestre de 1998-----	102
FLORESCENDO : Segundo Semestre de 1998-----	107
FRUTIFICANDO : Primeiro Semestre de 1999-----	111
INÍCIO DA COLHEITA : Segundo Semestre de 1999-----	117

DEDICATÓRIA

Aos meus pais (*in memoriam*),
Carlos Rado, que despertou em mim
o prazer pelo estudo, pelo conhecimento,
e **Maria Milka** que plantou em mim o
significado do amor de mãe e a importância
de que todo trabalho iniciado deve,
necessariamente,
ser concluído.

Aos meus filhos, **Lucas**, pois,
por ter vindo nas condições em que veio
me permitiu trilhar este caminho desta forma,
e **Saulo**, que na espontaneidade de seu auxílio
me apresenta os referenciais para compreender
como se dá o processo do desenvolvimento.

Aos meus alunos, os **Pequenos Valentes**,
em especial, ao **Fabiano**, porque sem ele
este trabalho não teria nascido
da forma como nasceu.

AGRADECIMENTOS

Ao **CNPq** (processo nº132314/98-3) que me concedeu o auxílio imprescindível para a realização desta pesquisa, sem o qual sua efetivação não teria sido viável.

À professora Dr^a. **Silvana Venâncio** que, muito mais do que orientadora desta dissertação, soube ser amiga, estimulando nas horas mais apropriadas e solicitando maior investida nos momentos em que me sentia sozinha pela floresta da sistematização deste estudo: a mão que toca, afaga, orienta.

À Banca examinadora desta dissertação, nas pessoas dos professores **Dr. Ademir de Marco** e **Dr^a. Cláudia Guedes** que, com seus significativos apontamentos no Exame de Qualificação, fizeram-me tecer este conteúdo que ora se apresenta. Prof.Dr. **Ademir** auxiliando nos aprofundamentos da neurologia, colocando-se à disposição para esclarecimentos e bibliografia. Prof^a **Cláudia**, através de seus olhares pela metodologia, sugeriu-me voar mais alto, tecendo, com o Pequeno Valente, a história narrada. Ambos propiciaram, em mim, o conciliar entre o criativo e o detalhado.

À equipe do **Laboratório de Motricidade Humana da FEF/UNICAMP** que, sob a coordenação da prof^a. Dr^a. **Silvana Venâncio** busca socializar o conhecimento que se traduz em estudos e auxílio mútuo. Meu especial agradecimento à **Tita, Elaine e Rai**.

Aos professores do **Departamento de Educação Motora da FEF**, com quem tive a oportunidade de aprender durante o curso de pós graduação, recebendo significativas contribuições, tanto no empréstimo de livros como no incentivo de posicionamentos e opiniões sobre os conteúdos abordados em aulas, justamente por ter formação, no curso de Graduação, em área distinta da Educação Física. Gratidão aos professores **João Freire, Jorge Péres Gallardo e Ademir de Marco**.

À sempre querida e próxima **Mariângela**, secretária do departamento, à delicada e atenta **Tânia**, da secretaria da pós, e à **Dulce**, bibliotecária, que com zelo e primor pôde pinçar as referências e citações, colocando-as nas normas apropriadas.

À **Beatriz Padovan** que, através dos estudos e aplicabilidade da Reorganização Neurofuncional, sempre me abriu portas ao conhecimento, avaliando meu filho Lucas nos momentos que se fizeram necessários, permitindo-me participar de seu curso de formação para fonoaudiólogos, acreditando em meu potencial e na vontade de sempre ir além.

À escola **Aletheia** que me permitiu a fala chamando-me para as reuniões, aguardando minhas observações, colocando-as em prática sempre que sugeridas. Crescemos juntos nesse processo integrativo. Igual agradecimento à escola **Monsenhor Gonzaga** que pôde dar continuidade ao trabalho que estávamos realizando com nosso aluno, solicitando-me para palestras e reuniões com o corpo docente. Gratidão, a ambas, pelo respeito profissional e pela unidade nas ações!

À **Arlete e Tobias**, pais do Fabiano, cuja confiança, empenho e participação sempre se fizeram presentes, abrindo-se para novos olhares, compreendendo a importância da ação motora na vida de seu filho. Tecemos, juntos, essa caminhada pela floresta do amadurecimento. Real gratidão!

À **Drª Ilka Boin**, com quem compartilho da paixão pela arte da saúde, amiga presente no parto de meu filho, e na continuidade desta minha caminhada. À **Drª** e sempre amiga, **Fátima Caldas**, que me trouxe a neurologia como algo palpável e possível de ser transitado, além dos estímulos para mergulhar cada vez mais no autoconhecimento e na expansão da consciência.

À **Fátima Albejante**, fonoaudióloga do Lucas, que me serviu de supervisora por anos a fio. **Ana Lydia**, sempre próxima e discreta, trazendo-me a junção dos estudos da Antroposofia e da Reorganização; foi vencendo os desafios de angústia, dúvidas e incertezas que pudemos crescer com persistência e coragem.

Ao **Cássio**, amigo de buscas pelo âmago de si, pai de meus filhos, que sempre me incentivou a trilhar os caminhos do desenvolvimento, respeitando meus olhares, meus empenhos. Especial agradecimento, juntamente com **Jeremy**, na tradução do resumo para o inglês.

Ao **José Clóvis** que, atentamente, me auxiliou no desvendar dos mistérios do *Microsoft Word*; **Péricles**, na arte final, e **Rosana**, nos primeiros passos da digitação.

Aos amigos incentivadores do **Núcleo Alto das Cordilheiras** que acompanham minha caminhada há quase duas décadas, acreditando em minhas buscas, tecendo um manto de conforto e amparo que se reflete nas páginas deste estudo.

Ao **Instituto Thame**, nas pessoas das professoras **Marisa Thame**, **Cíntia** e **Paula**, que me possibilitaram, através do Processo da Quadrinidade, encontrar a verdadeira trégua de paz entre o meu sentir e o meu pensar, entre a narração e a dissertação.

Aos professores do **Seminário de Formação da Pedagogia Waldorf** que fizeram renascer, em mim, a importância dos contos nos processos da imaginação criadora.

À **Vera Furlan** que, através do curso do DEP de Psicologia Transpessoal aplicada à Educação, trouxe-me sua tese de doutorado, juntamente com os livros de Ken Wilber, tecendo, em mim, novamente olhares para a integração corpo-emoção-intelecto-eu.

Ao **Marcos** e à **Sílvia** que através da **Casa de Cultura Três Fontes** vêm sediando esse espaço para cursos, palestras e encontros, para que a semente de um processo educacional mais amplo e humano possa brotar em cada um de nós. Um espaço que sempre me esteve calorosamente aberto!

À **Leontina** que com seriedade e amizade pautou, através do estudo planetário/astrológico, passo a passo os aspectos significativos deste trabalho, trazendo-me a indicação mais propícia para os momentos de criatividade, expansão e crescimento.

E a muitas tantas outras pessoas que me perguntaram sobre o percurso durante os períodos de tecelagem e recolhimento, desejando bons frutos... é muito bom saber que o amor se faz presente.

À **Força Suprema da Natureza** que construiu meu castelo ; este, me oferece infinitas possibilidades para desenvolver o meu ser pela vivência dos sentidos e pela descoberta gradual do uso da consciência nos atos do andar, do falar e do pensar.

A minha mais sincera gratidão!

APRESENTAÇÃO

A história de cada um

Lembro-me dos contos e das narrativas que ouvia, embevecida, em minha infância, e de como almejava entrar, de verdade, no castelo permeado pela floresta densa, cujos jardins abrigavam as mais raras flores e, também grutas e passagens secretas para outras dimensões, novas realidades.

Pensava, também, na inquietante e misteriosa floresta, no lenhador que habitava sua choupana de troncos, nas árvores centenárias que traziam, em si, a própria história daquele lugar. Um espaço que precisava ser trilhado, percorrido, conhecido e transposto; havia, então, um misterioso enfoque para o número três: os nós começavam a ser desfeitos no terceiro dia, na terceira tentativa, por um terceiro alguém. Esse personagem, ao mesmo tempo que buscava, também guiava. Era o fio condutor que tecia a trama com sua história de vida.

Depois de ouvir os contos, aprendi a lê-los; não só a estes, mas a outros também, e o universo da imaginação começou a se ampliar cada vez mais pois, buscava, por mim mesma, as narrativas que queria, lendo-as em meu próprio tempo, realizando as pausas e as entonações que achava necessárias, para efetuar a ênfase e a emoção que meu próprio coração buscava. Dos contos vieram, depois, os romances, as biografias, os dramas narrados...

- Vá em busca do tesouro!
- Onde?
- Lá no leste, onde nasce o sol.
- Mas quanto devo andar e como vou saber quando devo parar?
- Vá em frente, seguindo pelo lado direito; chegarás a um lugar onde termina a terra e começa o mar. É lá, no final do mapa, onde nasce a vida e o desejo de recomeçar...

Trago em mim a semente de novas descobertas, de novos conhecimentos, e quando isso me vem em memória, lembro-me de meu pai que plantou dentro de mim o prazer pela leitura, pelo estudo, e pela investigação; um prazer que nascia a cada dia no encontro com os textos que ora se faziam narrativos, ora dissertativos, procurando o conteúdo que se tece no âmago de um pensar.

E minha busca investigativa se fez iniciar por querer conhecer a gênese da linguagem, tanto no ato da fala, como no ato da escrita: ingressei no curso de Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e, depois de formada, fui trabalhar como professora de produção e leitura de textos para estudantes do ensino médio. Comecei, ali, a compreender que o que era bosque e clareira para mim, para alguns era mata densa, floresta escura e fechada.

Para tecer o caminho desta nova jornada, a natureza, que é pródiga e didática, apresentou-me um desafio de buscar esse conhecimento através de minha própria vida: no ano de 1.985, após três anos de formada, meu primeiro filho, Lucas, nasceu em grave anóxia néo-natal, ocasionada por um pró-lapso do cordão umbilical. Como muitas mães, diante de um quadro semelhante, também participei de peregrinações em consultórios, terapias, métodos e medicamentos.

Não posso me queixar dos profissionais que nos atenderam; observo, apenas, que a dor é muito maior quando percebemos reticências nas respostas aos por

quês, abreviações em nos dizer o que realmente se passa lá dentro do cérebro no momento em que a criança ainda faz “A” quando deveria estar fazendo “B”, ou “C”, ou “D”. O silêncio, por parte de um profissional, neste caso, indicando apenas aumentar mais uma sessão de fisioterapia, ou algumas gotas do anticonvulsivante usado, é um silêncio morno que propõe a uma estagnação do sentir, do querer, do lutar.

Nesse naufrágio – pois da beira do mar fui parar no meio do oceano – amparada por dezenas de pontos de apoio, me encontrei com o barco de Beatriz Padovan*, subi nessa embarcação e venho aprendendo a conhecer ondas e marés, remando, respirando, respeitando...

Foi conhecendo *Padovan* que mergulhei mais fundo no funcionamento do sistema neurológico, obtendo respostas para situações que se achavam tão veladas ao desenvolvimento, não só de Lucas, como de alunos que se encontravam falhos no processo da comunicação e expressão.

Tendo permanecido como professora de redação em escola da rede particular de ensino por oito anos, nos subseqüentes passei a me fundamentar com estudos relativos ao cérebro, e aos processos correspondentes aos atos da linguagem; ambos se deram através do curso de aprofundamento do *Método Padovan*. Desde então, busco realizar – através de atendimentos individuais – o resgate das etapas que foram deixadas para trás, para podermos trilhar, juntos, a abertura do caminho pela floresta da aprendizagem.

Optar por esse enfoque de trabalho tem me sido gratificante, pois, tenho descoberto que a força do querer pode brotar do deserto mais árido e tempestuoso, criando possibilidades de que o ser se realize enquanto ser, com as potencialidades que tem dentro de si. Esse é o tesouro de que ouvimos contar nas narrativas: a

* Professora, fonoaudióloga e terapeuta clínica, criadora do *Método Mioterápico de Reeducação das Funções Orais*, também denominado *Método Padovan de Reorganização Neurofuncional*, conforme será apresentado no decorrer deste estudo.

preciosidade de nos encontrarmos diante de um outro e de tecermos, juntos, a caminhada de descobertas e de conhecimentos ao longo da vida.

Os momentos de desbravamento dessa floresta, e também os momentos de conforto que o espírito recebeu pelos encontros que se fizeram e continuam se fazendo, são destinados aos Pequenos Valentes: *pequenos* porque a maioria das pessoas os designa como eternamente pequenos, embora a grandiosidade de suas almas supere a de muitos! E *valentes*, por ser um ato de muita coragem e valentia persistir, lutar e vencer diante de um mundo ainda tão imaturo e despreparado para reconhecer a imensidão do verdadeiro SER.

RESUMO

Este trabalho, apresentado na forma de uma dissertação narrativa, busca investigar, através da ontogenia do movimento pela *Reorganização Neurofuncional*, que mecanismos estariam envolvidos no processo da aprendizagem, principalmente nos referentes às ações de ler, interpretar e produzir textos. Trilhando o caminho metodológico da pesquisa do tipo exploratória, esta se efetivou através de um Estudo de Caso com um único sujeito, por acompanhamento longitudinal ao longo de vinte e quatro meses; o procedimento escolhido para reportar esse período efetuou-se em recortes de cinco momentos, a contar do processo inicial de avaliação. O conteúdo dessa caminhada fez-se através da leitura de categorias de observação: o Andar, o Falar e o Pensar que se referem, respectivamente, à percepção, domínio e conquistas espaciais do corpo, à mútua comunicação e compreensão sociais, à percepção e consciência de si enquanto sujeito atuante no mundo. A trajetória desta pesquisa busca dar continuidade a este estudo que não se finda em si, mas que se revelou através do processo integrativo nas ações de seu sujeito.

Abstract

This work, presented in the form of a narrative dissertation, seeks to investigate learning process mechanisms by way of movement ontogeny through Neurofunctional Reorganisation, principally in respect to the activities of reading, interpreting and producing texts. Following an exploratory research methodological path, this was achieved through the Case Study of a single subject, accompanied longitudinally over a period of twenty four months, the reporting being done at five specific moments counting from the initial evaluation. The path content was achieved via readings of the observational categories of Walking, Speaking and Thinking, referring respectively to bodily control and spatial conquest, mutual communication and social comprehension, and perception and self-consciousness as an actuating subject in the world. The trajectory of the research seeks to give continuity to this study, which is not seen as an end in itself, but which through its subject's actions reveals itself as an integrative process.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se baseia em minha própria história enquanto pessoa e enquanto pesquisadora. A face voltada para o lado pessoa é aquela que se depara com jovens – que poderiam ser os filhos de cada um de nós – que se vêem angustiadamente perdidos na floresta das leituras e das produções de textos: *“Detesto ler!”* *“... não tenho idéia pra escrever...”* *“... de que me interessa saber o que esses autores do século passado pensavam?”*

Já a face que se dirige para o lado pesquisador sempre buscou compreender o que é o ato da leitura, da interpretação de textos, da penetração na alma da linguagem. Quais são os mecanismos impressos em um indivíduo que o tornam mais hábil em determinadas circunstâncias e menos em outras? Um aluno que diz que não gosta de ler e que sente dificuldades em interpretar e produzir textos, estaria lendo com suficiente atenção, envolvimento e compreensão? E como é que se consegue ter mais atenção? É apenas um hábito de disciplina, empenho e boa vontade, ou existirão outros fatores antecedentes a estes?

Em alguns casos percebemos uma leitura fragmentada, com entonação e ritmos inadequados, cujas palavras se assemelham a flechas em território alheio. Quanto ao recontar uma determinada narrativa, há alunos que sugerem dados e interpretações para fatos que não ocorreram ao longo do texto.

Já a escrita, esta tem se realizado, em muitos casos, através de discaligrafias, disortografias e espelhamentos, levando-nos a procurar outros fatores que não apenas a falta de treino, por parte do aluno, com cópias ou cadernos de caligrafia nos primeiros anos do ensino fundamental.

Ao longo de oito anos como professora de redação no ensino médio, pude me deparar com problemas de leitura e escrita que geraram muitos questionamentos como, por exemplo, se problemas ortográficos são menos graves que coesão textual. Se assim o for, é possível dizer que um adolescente que não domina a ortografia de sua língua materna apresenta apenas um sintoma de baixa memorização grafêmica – cujos aspectos seriam apenas pedagógicos – ou existiriam, também, outras dificuldades impedindo-lhe o livre acesso, o desembaraço?

De maneira semelhante, o que se pode dizer a respeito de um aluno que ao receber como proposta temática elaborar uma narrativa em no máximo trinta e cinco linhas, e que permanece na introdução do assunto até a trigésima para, só então, nas últimas cinco linhas restantes desenvolver toda a trama, enredo, conclusão? Seria apenas uma falta de atenção e domínio do espaço no papel, ou haveria, também, falta de percepção de seu próprio corpo no espaço, de sua palavra em um certo tempo?

Buscando compreender um pouco mais essas inquietações unem-se, no presente trabalho, a pessoa e a pesquisadora, procurando trazer o enfoque de que a motricidade pode ser vista como a base fundamental e estrutural para o processo da aprendizagem. Essa motricidade será demonstrada em processo avaliatório/terapêutico através da ontogenia do movimento pela *Reorganização Neurofuncional*.

Assim, para que este conteúdo possa vir à tona de maneira mais ampla, procurei realizar um trabalho de investigação científica que sugere, ao pesquisador, uma organização de etapas e de procedimentos para que sua busca se torne clara como objeto de apresentação e de estudo a outrem. Para Gil (1.996, p. 45-46) as

pesquisas são classificadas pelo objetivo a que se propõem: *exploratórias* são aquelas que procuram tornar o problema mais explícito, construindo hipóteses e aprimorando as idéias; já as *descritivas* visam à descrição das características de determinada população ou de fenômenos, enquanto que as *explicativas* identificam fatores determinantes na ocorrência de acontecimentos, aprofundando o conhecimento da realidade através de explicar o porquê das coisas.

Nesta dissertação de mestrado procurei trilhar o caminho metodológico da *pesquisa do tipo exploratória*, pois, a finalidade consistiu em procurar explicitar que defasagens em leitura e escrita podem implicar, também, em defasagens sociais, tanto no contexto escolar como no ambiente familiar, além de alguma fragmentação quanto à consciência de si enquanto ser atuante no mundo. Além destes aspectos, há o considerar de que uma motricidade que passa a ser reativada por caminhos que se referem à ontogênese do movimento, pode verdadeiramente trazer um resgate ao processo da aprendizagem.

Desta forma, o delineamento da pesquisa quanto à sua diagramação, previsão de análise e interpretação de dados, fez-se através de um Estudo de Caso de um único sujeito, com acompanhamento longitudinal ao longo de vinte e quatro meses. O procedimento escolhido para reportar esse período efetuou-se em recortes de cinco momentos, a contar do processo inicial de avaliação. As quatro etapas subsequentes delinearão-se pelos quatro semestres dos anos de 1.998 e 1.999. Esses semestres, apresentados em sua ordem de conquista de maneira analógica ao processo de desenvolvimento de uma árvore, levam os títulos *Germinando*, *Florescendo*, *Frutificando* e *Início da Colheita*, respectivamente.

O processo descritivo da trajetória desta pesquisa, bem como da vivência pedagógico/terapêutica efetivou-se através de uma dissertação narrativa, denominando nosso sujeito como Pequeno Valente, buscando usar imagens metafóricas, sobre sua caminhada diante das dificuldades escolares, e o começo do encontro consigo.

O conteúdo dessa caminhada foi feito através da leitura de categorias de observação pelos atos do Andar, do Falar e do Pensar, que se referem, respectivamente, a três etapas importantes no desenvolvimento da criança e que permearão toda a sua vida futura: ao Andar o que se percebe da motricidade, o corpo no espaço e as conquistas espaciais; ao Falar, o prisma do comunicar-se socialmente, trazendo uma linguagem que vem de dentro de si, tecendo a comunicação; ao Pensar, a percepção de si enquanto sujeito atuante no mundo pela reflexão e consciência.

O sequenciamento dá continuidade a uma leitura que vem propiciar o processo integrativo nas ações do Pequeno Valente através de imagens como castelo, floresta, bosque, e anciã do tempo, em uma narrativa que não se esgota em si, mas que abre caminho para novas jornadas, novas buscas, novos enfoques.

CAPÍTULO I

Construção Sagrada

Existe, dentro de cada um de nós, um castelo que permeia nossa memória primordial, circundado por cores etéreas e flores luminosas que, altivo e sereno, transporta a semente pela imensidão das eras.

Lembremo-nos dele! Contávamos com isso no desabrochar da existência, pois, a construção veio sendo tecida por nossa mais sincera imaginação; milhares de compartimentos, centenas de salas, torres, escadas, porões, lugares reservados e surpreendentes passagens secretas para jardins encantados, rios levando à floresta mais densa, a outros reinados...

Escadas em caracóis que levavam ao infinito, à torre mais alta, onde a anciã do tempo tecia uma mortalha, dia por dia que, depois de centenas de milhares de pontos, estaria já toda tecida e entretecida. Só restaria aplicar, a cada ponto de dia de luz, as estrelas brilhantes do céu, aquelas banhadas de púrpura e azul.

Pela imagem do castelo rememorado é possível se passar para a imagem de um castelo formado pois, como fortaleza real no século XIV, essa edificação era como uma pequena cidade, em cujo interior de suas muralhas viviam e trabalhavam centenas de pessoas. Das fundações sólidas — onde as paredes eram bem largas em sua

base, buscando dificultar a escavação de túneis pelos inimigos – à torre principal – em cujo espaço amplo e arejado se localizava os aposentos da família nobre e o grande salão, centro de toda a vida social – o castelo representava o núcleo habitacional daquela época, que abrigava, em si, a existência de um centro integrativo.

Nosso cérebro, semelhante ao castelo acima mencionado, é uma construção perfeitamente arquitetada e edificada, cujos bilhões de habitantes – os neurônios – desenvolvem elos de ação recíproca na imensidão interna dos compartimentos, da medula ao córtex ou, para manter a analogia, dos alicerces à torre principal.

Conhecer essa maravilhosa edificação com seu intrincado e complexo sistema de conexões, interações e associações era, até há algumas décadas, um estudo mais reservado a cientistas da área médica. As notícias sobre esses estudos não chegavam a um público leigo com a velocidade e a clareza com que se tem recebido nestes últimos anos. Não é para menos, pois, o sistema neurológico ainda desafia a ciência e incita o ser humano a buscar respostas para a ocorrência e o significado de seus acertos e limitações, procurando conhecer, cada vez mais, o gerenciador dos sentimentos, das lembranças, da inteligência lógica e exata, da criação artística e interpretativa da vida, do estresse, do humor.

Um exemplo ilustrativo sobre esse interesse crescente do homem sobre si mesmo foi dado, em 1991, pelo então presidente dos E.U.A., George Bush, nomeando esta década¹ como “A década do cérebro”. É o ampliar da Neurociência, como metáfora do próprio órgão, abrindo-se a novas áreas de estudo, realizando novas conexões, novas associações, possibilitando o conhecimento dos mistérios que permeiam o atuar de um ser humano nos diferentes campos de ação.

E é por esse atuar que cada indivíduo, como príncipe herdeiro em seu próprio castelo, vem se apresentando ao mundo, registrando suas marcas e suas

¹ Conforme artigo publicado na revista Isto É, n. 1362, p.118-23, 1995.

conquistas nos atos do andar e do agir, do falar e do realizar, do pensar e do conhecer. Na verdade, somos todos pequenos valentes, príncipes herdeiros de um trono reservado há infinitas eras e que buscamos, ao longo de nossa própria trajetória, maior conhecimento e ação, tentando descobrir, pelas conquistas que empreendemos floresta adentro, onde está o grande tesouro. Nesse trajeto encontramos quedas e realezas com as quais fazemos brotar a semente, expandindo o que há dentro do castelo para outros reinados que existem além da mata fechada. Trilhamos buscando abrir novos caminhos.

O Pequeno Valente

Foi no entardecer de um dia de inverno, no ano de 1.985, na cidade de Campinas, que o Pequeno Valente veio ao mundo. É o segundo filho na constelação familiar de três, sendo o único do sexo masculino, com uma distância equidistante de dois anos, entre a irmã mais velha e a mais nova. Seu pai é bancário e a mãe micro-empresária; ambos, felizes com o seu nascimento – que se deu por parto normal, de maneira até que bem rápida e sem maiores dificuldades – não anteviam a agitação que seria para a família os próximos anos.

Quando bebê sempre foi muito inquieto, pois, conseguia sair do berço com frequência, ainda que ninguém ali estivesse para ajudá-lo. Aos oito meses de idade derrubou a televisão, além de mesas e objetos que se opunham à sua frente. Desde os nove meses já andava pela casa, mas sempre aos trambolhões. Com um ano de idade, aproximadamente, encontrou um tubo de cola *super bonder* e colocou-o à boca, gerando uma série de corridas, mais uma que sempre proporcionou a toda a família.

Na pré-escola a inquietação continuava: parecia que buscava uma coisa, um movimento, uma atividade mas, quando a encontrava, já queria outra. Pensava-se que pelo fato de estar em contato com outras crianças a serenidade viria, mas tal fato

não ocorria; a cada exemplo que tinha à frente, mais modelos de atividade e de coisas por fazer lhe vinham como referência.

Iniciou a primeira série em escola da rede pública de ensino aos seis anos e oito meses; as dificuldades em se manter no ambiente escolar dobraram, pois, ficar sentado em uma carteira por muitos minutos, procurando acompanhar as tarefas e explicações na lousa e, depois, passá-las para o caderno, era-lhe impossível! A direção da escola, de comum acordo com os pais, procurou encaminhá-lo para classe especial visando a um melhor acompanhamento, onde as dificuldades de adaptação e de aprendizagem talvez fossem melhor atendidas; no entanto, não se adequou por não compreender a dinâmica da sala diante de colegas tão diferentes. Voltou para classe regular no mesmo ano, ficando retido nessa série por não conseguir dominar o mínimo esperado na alfabetização: não conseguia compreender o processo silábico e também não compreendia a transposição de fonemas em grafemas.

Mudou de escola, indo para uma outra da rede particular de ensino, bem menor, que estava iniciando suas atividades naquele ano. Supôs-se que em ambiente novo em vários sentidos, o garoto corresponderia mais. Ali, o que adquiriu naquele ano considerou-se o mínimo para que pudesse frequentar outra série, pois, como havia vindo de uma retenção, a escola considerou inadequado, para o seu emocional, uma nova reprovação. Assim, foi para a segunda e, embora seu processo fosse bastante lento, conseguia acompanhar os conteúdos mas não os efetuava na escrita. Por encaminhamento escolar iniciou o trabalho terapêutico de fonoaudiologia e de psicologia, de acordo com o relatório² que nos foi apresentado:

...tem grandes dificuldades, mas com o acompanhamento da psicóloga e da fonoaudióloga fez pequenos progressos como reconhecer as diferenças entre *nh, ch, lh*, o que não ocorria no início do ano. Sua linguagem oral está preservada mas na escrita continua suprimindo letras e não apresentando as

² Consulta realizada na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Aletheia, onde o aluno cursou da primeira à quinta séries.

convenções gramaticais. Tem dificuldades de concentração e de organização de idéias. Domina as tabuadas mas entra em conflito no momento de usá-las. (...) Mesmo não alcançando todos os objetivos propostos, achamos por bem promovê-lo, em função da idade, para não afetar-lhe o emocional.

Assim, foi para a terceira série com as dificuldades já conhecidas, além de outras que iam aumentando à medida que as exigências de conteúdo específico se apresentavam. Segundo nos relatou a professora que lecionou esta série, havia muita desorganização e contradição: ao mesmo tempo que parecia dominar o raciocínio lógico, apresentava sérias dificuldades em estruturação do texto, localização e distribuição espacial, função da palavra na oração, além de falta de articulação e fluência em leitura e escrita, dificultando-lhe a compreensão de enunciados em todas as outras disciplinas. De acordo com palavras textuais em seu relatório: *Foi feito com o aluno uma recuperação paralela mas se recusou a fazer os exercícios e o pouco que fez foi com muita raiva. Ficou retido na terceira série por não se considerar que consiga acompanhar uma quarta série.*

A mãe tentava ajudá-lo e o pai achava-o preguiçoso acreditando que bastava um pouco de esforço e tudo se resolveria. A escola procurava sempre estar em contato com as profissionais de psicologia e pedagogia que continuavam a atendê-lo, decidindo estratégias que não se mantinham na aplicação por muito tempo. Atrapalhava muito às aulas pois conversava e saía de seu lugar, não fazendo as tarefas em sala, ou copiando as lições no caderno. Este, por sua vez, era totalmente desorganizado, incompleto, falho: não havia ordem cronológica ou espacial; para ele, tanto fazia por onde abrir o caderno e por onde começar a escrever, pois, na página que abrisse, ali começaria e sua continuidade não se manteria; não registrava datas, propostas ou enunciados de tarefas.

Manteve-se na mesma escola cursando a quarta série, obtendo sempre o mínimo em organização, disciplina e aprendizagem. Como estava recebendo acompanhamento fono-psico-pedagógico há dois anos, o esperado por todos era que gradativamente o resultado viria. Mas o tempo ia passando e seu desempenho, assim como sua vontade para vencer as dificuldades, buscava encontrar respostas mais rápidas. De acordo com relatório de aproveitamento em Educação Física da quarta série:

Atingiu 60% dos objetivos propostos: é um aluno com muita dispersão. Dentro dos três domínios, o cognitivo, o afetivo e o psicomotor, encontrou dificuldades no psicomotor, dentro dos exercícios de coordenação. Participa das atividades com disposição e vontade. Conceito: Regular.

De maneira muito semelhante ao procedimento realizado nos anos letivos anteriores, buscou-se ponderar o que era melhor para o aluno: ficar retido novamente, ou ser aprovado apesar das dificuldades? A escola, em reunião com as terapeutas que o atendiam – nesta ocasião eram em número de quatro: uma psicóloga familiar, uma psicopedagoga, uma fonoaudióloga e uma professora de acompanhamento escolar – considerando-o um caso de *hiperatividade*, concordaram com a aprovação para a quinta série e sugeriram uma avaliação neurológica.

Assim sendo, como a escola Aletheia conhecia nosso trabalho, o Pequeno Valente nos foi encaminhado para que pudéssemos fazer uma avaliação a partir da Reorganização Neurofuncional: esta terapia, conforme será explicitado ao longo deste estudo, consiste em trabalhar o ato motor através da sequência natural de exercícios que o bebê realiza em seu primeiro ano de vida, para se resgatar a defasagem escolar. Na verdade, as angústias e o visível cansaço por parte dos pais e educadores, necessitava de uma leitura sobre o caso que saísse de apenas um nome, como *hipertatividade*, *déficit de atenção*, ou outro qualquer, para que se pudesse adequar uma conduta, tanto no procedimento didático-pedagógico, como no familiar e social.

Para além do jardim encantado: na floresta

Pois ali estava o Castelo circundado por todas as flores, dos lírios dos prados, às margaridas dos campos; as paredes nativas de ficus, ibiscus e jasmins eram banhadas por um suave regato que corria, sedutor e sereno, para além do jardim encantado.

Passavam-se as eras e pelo brotar de um novo momento, o Pequeno Valente, entre as seguras muralhas de seu reinado e a intrigante floresta que ali vislumbrava, ouvia o chamado suave que rompia do tempo.

E assim, ao soar o rumor da mais leve brisa do alvorecer, pôs-se a caminho, andando, deslumbrado pelas coisas que ia vendo, caminhando, caminhando...

Percorreu colinas e prados que convidativamente a própria floresta lhe apresentava. Mas depois, a cada passo que dava, a mata ia se adensando, se compactando, se fechando. Cansado, pôs-se a lembrar do princípio, do castelo, da harmonia. Depois, o emaranhado, o caos, a mata densa, a busca por um indício, por um sinal que pudesse revelar que ali haveria um caminho, um trajeto a ser percorrido. Mas, por onde começar?

Sabia que onde o sol brilha por quase todas as horas do dia é à frente e ao norte; e que o leste e o oeste surgem como as grandes asas de um condor. Mas como haveria de encontrar o indício de rumo se as copas das árvores cobriam o sol e o céu, e o verde esmeralda tingia com sua cor até a essência de todo o pensamento?

Procurava se firmar na lembrança do firmamento. Buscava as referências do castelo, daquilo que lhe era o conhecimento. Mas já estava a caminho e, por isso, não

podia voltar e nem sabia por onde avançar. Era duro o trilhar, era triste e solitário e não conseguia mais compreender a linguagem das flores ou o trinado dos pássaros.

Caminhava sozinho e errante e, às vezes, pensava que ouvia as gargalhadas do bruxo das matas, que ria porque esperava vê-lo fracassar. E o que não sabia, é que andaria errante pela floresta por dias e noites; que haveria de encontrar tenras flores que brotam do chão e que bem servem para o bom repousar, mas também pedras e espinhos a lhe calejar o andar. Que passaria por sede e pelo medo da morte, pelo frio e pela tristeza, e que pela queda do choro se veria no solo achando que quase tudo seria em vão.

Pensava que estava só, mas a anciã do tempo o acompanhava, pois, a cada passo que dava tecia um fio em seu próprio pensar, porque andava...andava... e estava registrado, na memória do tempo e do reino daquela floresta que tudo começa pelo ato do andar.

Uma nau à deriva: nosso primeiro contato

Era novembro de 1997, o sol de verão instalado e vibrante, já anunciava férias vindouras, o final de um exaustivo ano letivo que prometia recompensas e bons tratos aos filhos que passassem de ano. Àqueles que não, novos sermões, punições, restrições, combinados...

O Pequeno Valente chegou para a avaliação sem muito pensar, sem muita relutância, por já estar acostumado a consultórios, salas de espera, terapeutas e terapias – durante aquele ano letivo teve, simultaneamente, duas psicólogas, uma fonoaudióloga e uma professora particular. Estava cursando a quarta série do ensino Fundamental e tinha quase treze anos; na verdade, doze anos e sete meses.

Seus cabelos, que lhe tocavam os ombros, denunciavam um movimento inquieto que ecoava por todo o corpo, semelhante a uma nau à procura de um porto seguro. Usava um boné para segurar os cabelos, que impedia que olhasse para o mundo de forma ampla, ou que o mundo olhasse para ele.

Muito embora fosse o tipo grandão, o que lhe diziam era que ainda deveria estar na pré-escola. Seu andar era pesado e descompassado; os braços, parecia que haviam crescido de repente, pois, não acompanhavam o ritmo e o movimento característico da locomoção.

Sentava-se e levantava-se quase com a mesma frequência com que respirava; muitas vezes andava em círculos e as perguntas geralmente eram do tipo: *...e o que mais eu tenho que fazer?* Gostava muito de conversar mas não se preocupava muito com o ouvir; na verdade, a conversa era um tipo de movimento que saía em jatos pela boca, denunciando um pensar desconexo, saltitante em relação a assuntos, a fatos. Mas não apresentava relutâncias em cumprir ordens; o que não conseguia era mantê-las presente em seu pensamento.

Era nítido que havia extrema necessidade de gastar a energia que tinha dentro de si através de atividades motoras. Aliás, buscava fazer isso desde a infância, derrubando móveis, pulando sobre objetos, andando aos trancos como podia, o quanto lhe permitiam. Entretanto, essa busca de gastar a energia pela motricidade não era interpretada por ninguém, ao contrário, a cada indisciplina em sala de aula, a cada mau desempenho cognitivo escolar, havia punições referentes a cortar-lhe as poucas atividades motoras que tinha em alguns horários durante a semana: jogar bola na rua com os colegas, andar de bicicleta, nadar no clube. Essas atividades seriam retomadas, gradativamente, se o quarto estivesse mais em ordem, se conseguisse fazer todas as tarefas que a escola aplicava, se seu procedimento em sala de aula não fosse mais classificado como o de um aluno desatento, irreverente, preguiçoso, aéreo.

Caminhos do compreender: o que há pelo castelo?

Há momentos que não sabemos se escolhemos ou se somos escolhidos. Sentimo-nos surpresos com alguns pequenos valentes que surgem em nosso caminho, e muitas vezes nos sentimos desafiados em nossos paradoxos internos: ser ou não ser capaz de auxiliar no trilhar? Quanto desse auxílio dependerá do próprio indivíduo, de suas reais condições, e o quanto dependerá de nós, não o sabemos. Mas é na duplicidade de questionamentos e inquietações – sim, meu Pequeno Valente, nós também temos inquietações, ansiedades, dores... – que nos deparamos com a anciã do tempo; esta, cautelosa e serena, nos mostra a mortalha que vem sendo tecida pelo próprio sistema neurológico, dizendo que já se passaram doze eras e que o Pequeno Valente continua errante pela floresta adentro devendo-se, então, indicar-lhe o caminho.

E o caminho é nos lembrarmos de que o cérebro é um castelo amplo e completo em sua arquitetura e estruturação, embora essa imagem nos remeta, apenas, a seu aspecto morfológico. É preciso, a partir de então, aprofundar esse conhecimento buscando abordar alguns elementos que possam nos apresentar suas características funcionais.

Utilizaremos, assim, a maneira como Luria (1988, p. 27) concebe os processos mentais no ser humano, que é através de sistemas funcionais complexos, e não em áreas estreitas e circunscritas como os consideravam os frenologistas no século passado, pois, a frenologia era um estudo que se baseava na localização das faculdades em áreas locais específicas do cérebro. Portanto, opondo-se a esse conceito localizacionista, Luria afirma que há três unidades cerebrais funcionais principais que participam, trabalhando em conjunto, qualquer que seja a atividade mental. Estas três unidades ele as descreve da seguinte forma:

A primeira delas, a *Unidade Reguladora do Tono ou da Vigília*, é aquela que é responsável por manter o estado de vigília, ou seja, o estado de se estar desperto, alerta, para que os processos mentais do ser humano sigam o seu curso correto; só assim o homem pode receber e analisar as informações que lhe são trazidas à mente, sendo impossível tratá-las da mesma maneira em estado de sono. E quais são estas partes?

...as estruturas que mantêm e regulam o tono cortical não se situam no próprio córtex mas abaixo dele, no subcórtex e no tronco cerebral. (...) essas estruturas possuem uma dupla relação com o córtex, tanto influenciando o seu tono como sujeitas, elas próprias, à sua influência reguladora. (Luria, 1988, p. 29).

No ano de 1949, Magoun & Moruzzi apud Luria (1988, p. 29) a partir de suas investigações sobre a organização funcional do cérebro mostraram que existe, no tronco cerebral, ou seja, na parte conjunta de nosso cérebro que compreende a medula oblonga, a ponte e o mesencéfalo, uma formação nervosa adaptada para desempenhar a função de regular o estado do córtex cerebral alterando-lhe o tono e mantendo o estado de vigília. Essa formação tem a estrutura de uma rede nervosa e foi denominada de Formação Reticular.

Sobre a segunda unidade, responsável por *Receber, Analisar e Armazenar Informações*, observa Luria (1988, p. 49-60) que esta se localiza nas divisões posteriores dos hemisférios cerebrais, incorporando as regiões visual, auditiva e sensorial geral e que, diferentemente da primeira unidade que é formada por uma rede nervosa contínua, esta é formada por neurônios isolados situados nas partes do córtex acima mencionadas.

Este sistema se subdivide, de acordo com as funções que desempenha, em três áreas que são organizadas hierarquicamente, a saber:

áreas primárias: as de projeção, que recebem as informações e as analisam em seus componentes básicos.

áreas secundárias: as de projeção-associação, responsáveis pela síntese dos componentes, convertendo as projeções acima referidas em organização funcional.

áreas terciárias ou de superposição: que realizam a coordenação dos vários analisadores, além de produzir esquemas simbólicos que são a base do conhecimento.

Esta segunda unidade, portanto, está na base de todo o tipo de atividade cognitiva humana. Passemos, então, para a próxima.

A terceira unidade, *Unidade Programadora e Reguladora da Atividade*, se localiza nas zonas frontais e pré frontais do cérebro, e é responsável por regular nossa atividade consciente e complexa; isso significa que ao receber as informações que nos chegam, criamos intenções, planos e programas para sua realização, verificando os efeitos destas, com as intenções originais, procurando corrigir algum tipo de erro. Sua via de saída é o córtex motor.

Procurando tecer uma síntese desse detalhado estudo descrito, podemos nos aproximar de uma conclusão momentânea, referente a esse processo, utilizando a imagem fornecida por Luria (1988, p. 78-80) de que essas três principais unidades cerebrais funcionais operam em concerto, como se fosse uma orquestra, onde cada uma oferece sua contribuição específica. Assim, os sistemas da primeira unidade oferecem o tônus muscular necessário para possibilitar os movimentos coordenados, os da segunda, as sínteses de análise, e os da terceira, subordinam os movimentos e as ações a planos de realização.

Para Wallon, cujas observações nos são trazidas por Dantas (1992, p.35), o grande eixo é a motricidade, ou seja, considera que a musculatura e as estruturas cerebrais são responsáveis pela organização do movimento. Sobre a atividade

muscular, identifica duas funções: cinética – ou clônica – e postural – ou tônica, onde a primeira corresponde ao movimento visível, à mudança de posição do corpo, enquanto que a segunda, à manutenção da atitude assumida, por exemplo, pela mímica.

Assim, conforme a maturação dos centros corticais vai se processando, há um enfraquecimento da função cinética e um fortalecimento do processo do pensar, da posição assumida, da atitude. O exemplo ilustrativo fornecido (Dantas, 1992, p. 38), é a representação plástica do Pensador de Rodin: pensa-se com o corpo em sentido duplo, ou seja, com o cérebro e com os músculos. Em relação ao movimento, Dantas (1992, p. 38-39) ainda cita que para Wallon,

Há os movimentos reflexos, controlados no nível da medula; há os movimentos involuntários, automáticos, controlados em nível subcortical pelo sistema extrapiramidal. (...) O sistema cortical impõe seu controle sobre o sistema subcortical e, estabelece-se entre ambos uma relação de reciprocidade, mas também de subordinação, do sistema mais antigo (o subcortical) ao mais recente.

Pois bem, quando se busca um caminho é bom se lembrar que outros trilham as etapas de conhecimento que hoje usufruímos e que a magia do estudo é ele ser contínuo. Assim, naquela tarde de verão de 1997, realizamos uma abordagem inicial e individual com o Pequeno Valente que nos foi encaminhado por sua escola com a anuência de suas terapeutas; estas, por sua vez, viam a necessidade de concentrar as atividades em um só profissional, em um só espaço físico, em um só novo referencial.

Começamos conversando³ sobre prazeres cotidianos, metas, atividades diárias, compromissos semanais, sua relação com a escola, com os amigos, os professores e a família. Quanto a esta, perguntamos como seus pais lidavam com suas dificuldades escolares e quais eram suas posturas diante de suas falhas e sucessos.

³ Verificar em Anexos, o roteiro de entrevista semi-estruturada.

O Pequeno Valente foi respondendo sem muito pensar, inquieto mais pelo fato de estar sentado que pelo de estar sendo avaliado. Disse que o que gostava de fazer era jogar bola na rua e andar de bicicleta, mas isso não era muito permitido. Não gostava muito dos deveres que a escola vivia dando e não entendia bem porquê se deveria frequentar essa instituição. Era constantemente repreendido porque o quarto estava desarrumado, na escola era desatento e inquieto, e os cadernos sempre desorganizados; na verdade ele os perdia, esquecia em algum lugar e não sabia por que tudo aquilo era importante. Quanto a amigos, o que mais queria era que não o achassem burro já que tinha repetido de ano por duas vezes e ainda não conseguia ler direito; segundo suas próprias palavras, *as letras embaralham no meu cérebro. Mas nessa escola o pessoal é mais legal que na outra e as professoras também.*

Seu dia-a-dia era preenchido por terapias para ver se conseguia aprender a ler, já que só a escola não adiantava. Algumas vezes demorava muito tempo para sua mãe ou seu pai irem buscá-lo nos consultórios, pois, os dois trabalhavam e nem sempre os horários davam certo. Assim, passava um bom tempo nas salas de espera tentando fazer tarefas que nunca conseguia fazer sozinho; por isso, ele se distraía com outras coisas e era ali que os cadernos se perdiam! Seu sonho era colocar nas escolas só aula de Educação Física e de artes. Perguntando se era um bom aluno nessas disciplinas, sua resposta foi que eram aulas que aconteciam fora da classe e que não precisava ler e nem escrever.

Dando continuidade a esse primeiro contato, iniciamos algumas explicações sobre o nosso processo de avaliação, procurando falar sobre o funcionamento do cérebro diante das mais diversas realizações do cotidiano utilizando, para isso, um exemplo próximo à sua própria realidade: quando recebemos uma ordem para ir até determinado lugar buscar um objeto, é preciso ouvir, compreender o pedido, conhecer o lugar ou, então, como se chega até lá. Em seguida, deve-se iniciar uma ordem de comando para que as pernas dirijam o corpo até o local, os olhos realizem a trajetória

do percurso, as mãos vençam os obstáculos do abrir compartimentos, quer sejam portas, armários, caixas e, ao encontrar o objeto, trazer-se a quem o pediu, realizando praticamente o mesmo percurso na volta: fechar caixas, armários, portas, verificar o caminho, entregá-lo, ouvir o agradecimento, responder ao mesmo, sentar-se novamente.

Entretanto, esta ação – a princípio tão simples – só poderá ser efetuada na íntegra, se houver a atenção suficiente para compreender a mensagem inicial e manter o fio condutor do pensamento durante o processo de sua realização. Devemos, para tal, considerar que não haja outros impedimentos tais como, o objeto não estar no local indicado, a sala ou o armário trancados, a pessoa impedida de locomoção, dentre outros. Caso não ocorram esses aspectos, a tarefa só terá sucesso se o sujeito da ação não se esquecer, durante o percurso, da ordem que lhe foi dada ou, então, não se distrair com outra eventualidade qualquer no meio do caminho. Se isso ocorrer, a ação não poderá ser efetuada na íntegra, causando contratempos e atrasos pela ausência do cumprimento do pedido.

Para nos referirmos aos processos de atenção, de concentração, ou dos níveis de consciência, é preciso nos lembrarmos do estado de vigília, pois, só nessa condição é possível a uma pessoa receber, analisar e interpretar as informações que lhe chegam através dos sentidos. Para Erhart (1986, p. 239-40), a formação reticular, em virtude de suas conexões, tem fundamental importância e *devem ser poucos os domínios neurológicos que escapam completamente à esfera da influência dos mecanismos reticulares do tronco encefálico.*

Com esse exemplo sobre ouvir, compreender e realizar uma determinada atividade, pudemos trazer, em uma linguagem mais informal, o processo das três unidades funcionais do cérebro desenvolvido por Luria e, também, fazer uma analogia com as tarefas que o professor solicita em sala de aula após explanação de conteúdo em sua disciplina.

Utilizando-nos deste recurso de explicação, o Pequeno Valente reconheceu-se como o sujeito que se perde entre o percorrer com o pensamento e o realizar com a ação. Assim sendo, pudemos dar início a uma auto-reflexão sobre as ações que são bem compreendidas e bem realizadas – os jogos, as atividades esportivas, as conversas com os amigos, algumas aulas que trazem um conteúdo que lhe agrada – e aquelas outras ações que não conseguem acontecer dentro de um processo de continuidade com início, sequência e finalização. Estas seriam, segundo suas próprias observações, as mais constantes em seu cotidiano.

Estávamos a vinte ou trinta minutos nesse processo avaliativo quando o Pequeno Valente percebeu que seu cérebro pode funcionar bem para algumas tarefas e não funcionar tão bem para outras. Aventurou-se, também, a tentar explicar que alguns colegas seus eram bons em determinadas atividades e não eram tão bons em outras. Com essa surpreendente descoberta, ficamos citando alguns exemplos de que humoristas talvez fossem péssimos alunos em matemática, ou de que bons esportistas podiam não ser tão bons escritores; que os poetas talvez não cantassem tão bem, e assim por diante.

Buscando querer mencionar um pouco mais dessa maravilhosa forma de expressão que o ser humano desenvolve em sua vida, podemos citar o estudo desenvolvido por Gardner (1995, p. 22-29), sobre a teoria das inteligências múltiplas, cuja abrangência reporta a sete tipos: a musical, a corporal-cinestésica, a lógico-matemática, a linguística, a espacial, a interpessoal e a intrapessoal. Não nos cabe, neste momento, referir-nos a cada uma delas através de detalhes e formas de ação. Nós nos deteremos, por hora, na própria explicação de seu pesquisador (Gardner, p. 30) quanto a possibilitar a abertura de novos horizontes, procurando sair de um determinismo:

Um indivíduo pode não ser especialmente bem dotado em qualquer uma das inteligências; e, contudo, em

virtude de uma bem determinada combinação ou mistura das capacidades, ele talvez consiga ocupar alguma posição singularmente bem. Assim, é de suprema importância avaliar a combinação particular de capacidades que pode destinar o indivíduo para uma determinada posição vocacional ou ocupação.

Quando se começa a estudar o funcionamento e a organização desta arquitetura perfeita que é o nosso sistema neurológico, um sentimento de admiração e de vontade de mais conhecimento nos preenche e nos incita a novas buscas. Assim, embora não possamos nos esquecer de que o nosso cérebro funciona em harmonia e sincronicidade, para melhor compreender suas devidas funções há a necessidade de se dividi-lo em setores, em regiões.

Desta forma, uma das divisões significativas para estudo é a que se refere aos dois hemisférios, o direito e o esquerdo que possuem, cada qual, funções diferenciadas. Lent (1993, p. 42-49) informa-nos sobre essas diferenças apontando que as assimetrias hemisféricas estão presentes tanto na função como na morfologia. Através de uma breve retrospectiva histórica, cita o médico Marc Dax, do interior da França no século XIX, quem primeiro verificou que lesões ocorridas no hemisfério esquerdo e não no direito, causam distúrbio na capacidade linguística dos pacientes, tornando-os incapazes de falar. Esta mesma descoberta é confirmada anos depois por Paul Broca, famoso neurologista de Paris, que eternizou uma famosa frase: “Nós falamos com o hemisfério esquerdo”.

Em estudos recentes, ainda segundo Lent (1993), verificou-se que na grande maioria dos indivíduos esse hemisfério é responsável por aspectos cognitivos e racionais da linguagem, tanto na expressão falada, na compreensão pela audição, ou na leitura. Quanto ao hemisfério direito, descobriu-se, em anos mais recentes, que este também participa da linguagem mas, através de seus aspectos afetivos, emocionais, ou seja, as entonações e as mímicas faciais, além dos gestos preenchidos pela carga afetiva; estes, provém de áreas homólogas no hemisfério direito, sendo responsáveis

pela expressão e pela compreensão dos aspectos emocionais da linguagem. Um exemplo próximo é que percebemos nitidamente quando alguém nos diz um *sim* que, na verdade, significa um *não* e, vice-versa.

Sperry apud Lent (1993, p.45) mostrou, juntamente com seus colaboradores, que não só a linguagem era lateralizada à esquerda, mas também a capacidade de realizar cálculos matemáticos, além da leitura. Ao hemisfério direito, por sua vez, reservavam-se as habilidades do reconhecimento de faces, da percepção de sons musicais e da capacidade de reconstruir mentalmente objetos tridimensionais, paisagens e trajetos.

Petta (1996, p. 25-30), apresentando as atribuições consideradas a cada um de nossos hemisférios cerebrais, explica que o lado esquerdo caracteriza-se por compreender o mundo através da razão, do pensamento linear, da lógica, da percepção fragmentada; organiza-se por normas, regras, maior objetividade e crítica, além de ser um excelente arquivo para nomes e números. Já o lado direito percebe o mundo através da sensibilidade, de um pensar imaginário e criativo, vivencia mais o impacto e a emoção, busca o prazer e a subjetividade; não se rege por regras mas pelo contexto, e seu registro é mais atento para guardar rostos e lugares.

Embora usemos ambos os hemisférios, nenhum de nós os utiliza de forma absolutamente equânime. Cada indivíduo tem tendência a usar, predominantemente, mais um lado que o outro. Há, ainda, uma definição ilustrativa de Lima apud Petta (1996, p. 28-29) mencionando que o cérebro tem noção de hierarquia e que o lado esquerdo é mais lento que o direito porque vai fragmentando a informação e analisando-a, enquanto que seu correlato percebe o todo; assim, ao ver uma obra de arte, o hemisfério direito capta o impacto enquanto o outro verifica o traço, a cor, a proporção, a textura, verificando uma tarefa de cada vez.

Com todos esses dados que pudemos conhecer, relacionar, começamos a nos perguntar, onde está o Pequeno Valente? Em que condições de alheamento está, dentro de uma floresta fechada e enigmática que lhe solicita técnicas de sobrevivência e de um caminhar lógico e direcionado?

Pois nós o encontramos cansado, sozinho... já não ouvia os sons da natureza que lhe indicavam caminhos de saída, pois estes, sempre existem. Cabia-lhe conseguir silenciar seus gritos internos para poder ouvir, compreender e seguir – embora houvesse o cansaço, o frio, a fome e o medo. Mas a anciã do tempo que sempre está por perto...

- Ergue-te, Pequeno Valente! Põe-te ereto e saibas que o caminho só pode ser percorrido pelo ato do andar. Se queres buscar a saída desta floresta pelo processo do pensar, não a acharás neste momento. Deverás iniciar pela sequência dos ritmos do tempo. E os ritmos, são a chave de todo o conhecimento.

Abrindo Caminhos

A composição de nossa visão terapêutica

Os ritmos do tempo nem sempre são lentos ou avisam quando vão se manifestar de forma mais incisiva. E é por eles que nos chegou a Antroposofia. Em sua etimologia essa palavra, proveniente do grego, significa a sabedoria sobre o homem. É uma ciência que abrange um conteúdo holístico bem amplo sobre a natureza humana, desenvolvida, de acordo com Greuel (1994, p.3) pelo filósofo e esoterista Rudolf Steiner, no início deste século, na Europa. Tendo nascido em uma cidade pertencente ao antigo império austro-húngaro, Steiner frequentou a escola técnica em Viena e depois, já em seus estudos universitários procurou realizar, como autodidata, também conhecimentos na área filosófica, literária e de história geral. Em Weimar, Alemanha,

tornou-se responsável pela edição dos trabalhos de Goethe, relacionados com as Ciências Naturais. Aos trinta anos defendeu sua tese de doutorado em filosofia dissertando sobre tema relacionado à Teoria do Conhecimento. A partir de 1902, e até o final de sua vida, em 1925, trabalhou arduamente em cursos e conferências, elaborando e fundamentando a Antroposofia.

Sua obra é vasta e complexa pois abrange tanto investigações gnosiológicas como exposições de conteúdos esotéricos. Steiner, a pedido de pessoas que o procuravam, deu indicações através de palestras, cursos e publicações, para novos caminhos em áreas relacionadas com o ser humano em seu aspecto integral. Essas contribuições fazem parte do campo da pedagogia e pedagogia curativa, da medicina, agricultura, artes e terapias artísticas, arquitetura, dentre outras. Segundo nos informa Greuel (1994, p.7), esses livros visam a:

estimular o trabalho de autotransformação do pensar meramente intelectual , num pensar contemplativo processual, (...) para exercitar, fortalecer e disciplinar o pensar, de sorte que novos horizontes e contextos se lhe abram.

Visão e prática pedagógicas

A maneira como a Antroposofia concebe a educação infanto-juvenil prima pela formação integral do ser humano, buscando oferecer-lhe referenciais seguros vivenciados em uma prática que corresponde, em sua essência, à jornada de desenvolvimento da própria humanidade.

O jardim da infância ou, o primeiro setênio (faixa etária que se estende até os sete anos de idade), representa um período em que a imaginação – rico alimento para a interioridade psicológica – é profundamente trabalhada através de narrativas

que mostram, em suas imagens, tendências e anseios que se desenham na alma infantil. É Lanz (1988, p. 98), quem nos explica o seu significado:

Os contos de fada devem, pois, ser entendidos como descrições, sob forma de imagens, de profundas verdades. (...) Estes provêm de uma velha sabedoria popular, e não foram inventados, e muito menos redigidos com o intuito de divertir crianças. São restos de uma velha mentalidade popular vazada em imagens e não em conceitos.

Transmite-se à criança, através de imagens, o processo de desenvolvimento do indivíduo: a harmonia primordial através do reino, as atribulações decorrentes da travessia pela floresta, as lutas, as dores, a conquista da inteligência, o brotar da consciência, o despertar do discernimento, a autonomia de um Eu.

Ao mesmo tempo, os processos da imaginação criadora são mesclados por várias atividades que se propõem ao vivenciar do sistema motor: é o livre brincar oferecendo inúmeras possibilidades de ação que resgatam jogos populares e folclóricos, incluindo atividades artísticas que visam do despertar gradativo da coordenação motora ao conhecimento através dos sentidos.

Quanto ao ensino fundamental e ensino médio, – segundo setênio e parte do terceiro, ou seja, dos sete aos catorze e, destes até a conclusão dessa etapa escolar– a imaginação e a arte continuam permeando todo o conteúdo abordado. Dentro de uma sequência histórica da própria humanidade– dos caldeus, egípcios, gregos e romanos, ao apogeu da era das navegações com os portugueses, e a chegada ao mundo moderno – são trazidos aspectos de maneira a despertar o conhecimento através do referencial de vida desses povos, pelos conteúdos que estão sendo estudados. Assim, a mecânica, astronomia, física, botânica, literatura, e todos os tópicos relativos a esse

período escolar, são trazidos pela gênese, na prática, fazendo brotar, no jovem, o sentido da observação, descrição, conclusão e , finalmente, o relato.

Neste tipo de enfoque pedagógico busca-se realizar, ao longo de toda a trajetória escolar, o despertar e o atuar integrado da ação, do sentimento e do conhecimento. Isso porque os alunos continuam tendo atividades artísticas que se inserem na ação de sua realização através da motricidade: modelagem em argila, escultura em madeira, tecelagem , música, teatro, arte da fala, pintura em aquarela, desenho de formas, encadernação, além da continuidade que se dá às atividades corporais; todas essas possibilidades são oferecidas a todos os alunos dentro do próprio contexto curricular.

Desta forma, observa-se que não há uma preocupação inicial com a informação propriamente dita, mas com a formação através da vivência — o mais equânime possível – entre o motor, o sensível/perceptivo, e o cognitivo.

Processos do andar

Quando se pensa no ato do movimento devemos considerar que este permeia tudo onde há vida e que esta realização está presente não só no aparente ato de deslocamento de um corpo de um ponto para outro, como também nos batimentos cardíacos, no ritmo respiratório, nos órgãos fono-articulatórios para se realizar o ato do falar, nos músculos oculares que permitem, além do movimento do olhar, a comunicação. Ele está presente, também – secretamente – na movimentação interna de nosso pensar, pois, por mais estáticos que estejamos externamente, nosso pensar é livre e caminha, no tempo e no espaço, a uma velocidade incalculável, extremamente rápida, ágil, veloz.

Steiner (1994, p.10) afirma que principalmente os três primeiros anos de vida da criança são fundamentais para o desenvolvimento integral do homem, pois,

neste período, esta adquire as três faculdades que irão permear toda a sua vida futura: Andar, Falar, Pensar. Assim,

... aprender a andar implica colocar-se em posição de equilíbrio diante do mundo espacial. Enquanto crianças procuramos a postura ereta, procuramos colocar as pernas em tal relação com a força da gravidade que com isso possamos obter o equilíbrio. Tentamos o mesmo com os braços e as mãos. Todo organismo se orienta. Aprender a andar significa encontrar as direções espaciais do mundo e nelas engajar o próprio organismo.

(Steiner, 1994 p. 12)

Delacato (1966, p.16) apresenta as idéias preconizadas por seu professor, Temple Fay, sobre a organização e maturação do sistema neurológico. Nesse estudo, as etapas da aquisição do processo do andar, são mencionadas detalhadamente, desde os movimentos mais primitivos do bebê, até o seu andar livre; segundo Fay, a organização neurológica se realiza por estímulos que vêm do próprio organismo e que se fixam na memória motora. Assim, com esses estímulos que são próprios do padrão genético, o indivíduo poderá dominar, no futuro, seu corpo e seus movimentos. Desta forma, Delacato (1996, p.16) introduz-nos a esse enfoque afirmando que o desenvolvimento do sistema neurológico:

...começa por ocasião do primeiro trimestre de gestação e termina, aproximadamente aos seis e meio anos de idade, em indivíduos normais. Como acontece com todos os mamíferos, no homem esse desenvolvimento ordenado progride verticalmente através da medula espinhal e de todas as outras áreas do sistema nervoso central, até o nível do córtex.

Para König (1987, p.13-18) o ser humano participa por inteiro a cada ato motor, pois,

... no movimento de uma parte do corpo está imediatamente contido o repouso das outras que dele não participam; (...)quando uma parte do aparelho motor se move, a outra participa dele de forma a possibilitar este movimento através do repouso ativo.

Observa, ainda, que ao realizar o andar ereto, a criança adquire um primeiro domínio do espaço e que com o seu primeiro passo transforma-se de criatura para criador.

Processos do falar e do pensar

Steiner (1994) considera que o falar se desenvolve a partir da orientação no espaço pois, ao aprender a andar, a criança aprende a converter os movimentos primitivos e indeterminados em gestos consequentes. Nesta abordagem, cita o exemplo de se comparar o som palatal de uma criança que tropeça ao andar, ao de uma que caminha firme. Conclui, observando que o Falar é um resultado do Andar, do orientar-se no espaço:

... a criança aprende também a falar primeiramente através de todo o seu organismo. Considerando o assunto desta forma, temos em primeiro lugar o movimento exterior, o movimento das pernas, que provoca contorno forte; o articular dos braços e das mãos, que produz a flexão, a plasticidade das palavras. Vemos como é transformado interiormente, na criança, o movimento exterior em movimento da fala. (Steiner, 1994, p. 16-17).

Para Zöller apud Maturana & Zöller (1994, p.143), a consciência humana individual surge na criança com o desenvolvimento de sua consciência corporal quando passa a conhecer seu corpo como domínio de possibilidades, aprendendo a viver consigo mesmo e com os outros em comunicação através da linguagem.

Referindo-se, na sequência, à etapa do pensar, Steiner (1994, p. 18) afirma que assim como *...o falar surge do andar, do apalpar, do movimento humano, surge*

depois o pensar a partir da fala. Ao se realizar o aprendizado desta, é importante que a veracidade seja o referencial e que, no caso do processo do pensar, deve predominar a clareza ao redor da criança; é importante que ela possa extrair da fala um pensar correto, pois, quando os adultos não pensam de forma clara e precisa ao redor de uma criança que aprendeu a falar, a sua aprendizagem para o pensar não poderá ocorrer de forma diferente ao ambiente imitativo:

O maior prejuízo que podemos causar à criança ocorre quando, à sua volta, damos qualquer ordem que depois revogamos dizendo algo diverso, confundindo então as coisas. Provocar confusão pelo pensar em presença da criança é a verdadeira raiz daquilo que, na atual civilização, chamamos de nervosismo. (Steiner, 1994, p. 18)

Assim, verificamos que no primeiro ano de vida a criança adquire o processo do andar, que é uma relação estabelecida com a superação da gravidade vivenciada pelo deslocamento dos pés. No segundo, ela adquire o processo do falar, que é a interação entre o seu interior (sua própria língua, sua maneira de querer se expressar), e o exterior (a língua social, as relações sociais, através da língua materna). E no terceiro ano, há o nascimento para o processo do pensar, ou seja, a criança aprende a pensar de acordo com o seu ambiente e com a lógica de seu povo, pois, cada sociedade linguística tem a sua estrutura de pensar que se traduz pela própria gramática. É essa lógica que nos permite uma descrição de mundo e, conseqüentemente, a auto-reflexão.

Bases e buscas: gênese do Método Padovan

Para se falar sobre a dinâmica de um conteúdo não se pode reportar apenas à sua conceituação, ou à descrição mecânica de suas etapas. Na verdade, há que se

introduzir a busca, o estudo, o encontro. Beatriz Padovan⁴, conforme nos apresenta Cinimo (1997, p. 9-11) já era formada em pedagogia, no início da década de 1960 quando, trabalhando como professora na *Escola Rudolf Steiner*,⁵ deparou-se com o problema de cinco alunos, em uma mesma classe, que tinham dificuldades de aprendizagem. Ao observá-los em outras aulas – já que o enfoque pedagógico da antroposofia prevê uma multiplicidade de ações dos alunos – percebeu que também iam mal e que tinham visíveis problemas de coordenação. Passados alguns meses, uma das alunas foi à Alemanha e, após uma avaliação médica, constatou-se que era um caso de dislexia.

Sentindo a necessidade de se informar mais sobre o assunto, em 1967 Padovan deixou as aulas e foi fazer o curso de Fonoaudiologia na Escola Paulista de Medicina. Embora as aulas fossem bem ministradas e o conteúdo informativo bem concentrado, o direcionamento para a prática ia-lhe decepcionando, pois, sentia-se como uma professora em um consultório, dando aulas de reforço, realfabetizando. Tendo concluído o curso, ainda sentia que não havia encontrado respostas para o tratamento da dislexia.

Decidiu-se por voltar a ser professora e estudar mais profundamente Antroposofia, pois, as aulas prático-terapêuticas ensinadas na faculdade assemelhavam-se, de alguma forma, ao enfoque educativo-pedagógico preconizado por Steiner e adotado na escola onde havia trabalhado. Conforme mencionamos anteriormente, essa abordagem didática prevê, além do currículo comum às escolas de ensino fundamental e ensino médio, a vivência holística do aluno, em seu aspecto motor, perceptivo/sensorial e cognitivo.

⁴Professora, fonoaudióloga e terapeuta clínica, criadora do *Método Mioterápico de Reeducação das funções orais*, também denominado *Método Padovan de Reorganização Neurofuncional*, conforme será apresentado nos próximos tópicos.

Assim, buscando mais conhecimento, Padovan se deparou com um livro contendo a palestra de Steiner sobre o Andar, o Falar e o Pensar e, em seguida, com as pesquisas de Temple Fay e seus colaboradores sobre a organização e reorganização neurológicas. É Delacato (1966, p. 61-82) quem nos apresenta a base do estudo desenvolvido através das orientações de Fay, cujo alicerce refere-se à lei biogenética de E. Haeckel⁶ que afirma o fato da ontogenia recapitular a filogenia. Filogênese é o estudo que se faz da evolução de organismos de estruturas bem simples às mais complexas. Já a ontogênese se refere ao desenvolvimento de um indivíduo, de sua vida intra-uterina à continuidade de sua maturidade dentro do processo de desenvolvimento.

Apoiada nestes dois pilares acrescentou, a esses conteúdos iniciais, seus estudos e observações fono-clínico-pedagógicos de seu Método Mioterápico de Reeducação das Funções Orais⁷ pois, a respiração, a sucção, a mastigação e a deglutição – denominadas funções reflexo-vegetativas — são as que preparam para a articulação da fala.

A partir de então, tecendo caminhos próprios, começa a aplicar esse método nas crianças com distúrbios de linguagem e passa a observar significativas melhoras na coordenação motora, na escrita, na compreensão e na elaboração linguísticas, tanto no verbal como no escrito.

⁵ Escola de Ensino Fundamental e Médio, da rede particular de ensino, localizada na cidade de São Paulo há aproximadamente 40 anos, e que segue o método pedagógico explanado anteriormente, preconizado por Steiner.

⁶ Ernst Haeckel (1834-1919), famoso zoologista alemão, foi um dos primeiros cientistas a aceitar as teorias de Darwin sobre a evolução. Sua mais importante teoria sobre a origem e desenvolvimento da vida animal diz que, à medida que este cresce, vai passando por todas as etapas de evolução pelas quais passou a sua espécie.

⁷ Este método foi publicado pela primeira vez em 1976 na Revista Ortodontia, São Paulo, v. 19, p.1-2, sob o título de Reeducação mioterápica nas pressões atípicas de língua: diagnóstico e terapêutica.

Tem-se, assim, a gênese do *Método Padovan de Reorganização Neurofuncional*, formado a partir da união de três estudos: Steiner, Fay, e a própria Padovan. Compõe-se, portanto, por:

exercícios neuromotores: de acordo com a sequência ontogenética do movimento

exercícios oro-buco-faciais: de reeducação mioterápica das funções orais.

Quanto à aplicabilidade terapêutica sua recomendação destina-se, conforme explicita Padovan apud Cinimo (1997, p. 10), a:

... crianças que não têm boa coordenação motora, que têm enurese noturna, problemas de dentição causados por deglutição atípica e todos os outros problemas relacionados ao desenvolvimento do Andar, do Falar e do Pensar, como: dislalia, gagueira, disgrafia, dificuldades de aprendizagem, concentração, memória, sono, problemas de equilíbrio, hiperatividade, tiques nervosos, paralisia cerebral, síndrome de Down, dentre outros.

CAPÍTULO II

Reorganização Neurofuncional

O Começo da Caminhada

Foi assim que o Pequeno Valente, diante de uma floresta densa e enigmática, se deparou com a anciã do tempo e lhe perguntou:

- Que caminho é este?
- É o mesmo caminho! Já o conheces pois estiveste nele há muitas manhãs atrás.
- Como? Não é possível! Não me lembro dele e, andar desse jeito por aqui...
 - Este é o caminho! Deverás fazer, nesta floresta, a caminhada que deverias ter feito com zelo e cuidado pelas escadas de teu castelo. Quando galgavas, do porão à torre, não conseguiste fazê-lo em harmonia e paz. Fizeste-o aos trancos, buscando sabe-se lá o que, derrubando quase todas as coisas. Mas a natureza toda está a teu lado; trilharemos juntos o mesmo caminho, neste outro espaço: o espaço dos teus doze anos nesta mata fechada, que se abrirá, em determinado momento.

Conforme pudemos compreender, o caminho a ser percorrido pelo Pequeno Valente é o da ontogênese, pois, para Vayer & Picq (1977, p.8):

Há um paralelismo entre as influências motoras e psíquicas (...), ou influência do comportamento motor sobre o comportamento geral da criança, o caso é que a motricidade permanece estreitamente unida ao psiquismo durante a segunda infância.

Estes autores destacam, ainda, (Vayer & Picq, 1977, p.18), que *as emoções estão ligadas ao fundo tônico e têm relações indiscutíveis entre o equilíbrio de um sujeito e seu psiquismo; uma atitude demonstra seu estado de espírito.*

Assim como a nossa primeira etapa no processo exploratório de avaliação destinou-se a um contato inicial de descoberta sobre o Pequeno Valente – sua vivência escolar com as dificuldades e as angústias que apresentava – esta próxima etapa deverá se referir aos movimentos que reportam à ontogênese.

De acordo com o que pudemos verificar através dos relatos da escola, o aluno apresentava dificuldades psicomotoras, falta de concentração e organização de idéias, dentre outras. Conforme Luria, a primeira unidade funcional do cérebro nos mantém em estado de vigília, a segunda recebe, analisa e armazena as informações, enquanto que a terceira realiza nossa atividade consciente e complexa. Essas unidades, embora trabalhem em sincronia, apresentam, também, uma hierarquização, pois, se não houver o estado de vigília e o tono muscular para proporcionar os movimentos coordenados, as sínteses de análise e os planos de realização não poderão ocorrer dentro de uma organização harmônica.

Desta forma, como no subcórtex, mais especificamente no tronco encefálico, localiza-se a estrutura nervosa denominada *formação reticular*, que é responsável por essa função básica de vigília e tono, pudemos perceber que os estados mentais do Pequeno Valente não seguiam o curso correto; faltava-lhe *algo* que proporcionasse essa ordem interna.

A Reorganização Neurofuncional visa refazer esse percurso através de exercícios neuromotores que se referem à sequência ontogenética. Esta sequência, apresentada inicialmente por Fay e seus colaboradores, foi utilizada por Padovan em seu método terapêutico que ora apresentamos, visando atender aos casos de problemas relacionados aos atos do andar, do falar e do pensar. Para que possamos dar a conhecer este trabalho procuraremos, de forma descritiva, apresentar cada um dos exercícios, a maneira como o nosso aluno os realizou, e a fundamentação teórica buscadas e estudadas para o presente conteúdo.

Do porão à torre : a ontogênese da motricidade

Pedimos ao Pequeno Valente que observasse cada um desses exercícios – que são em número de quinze ⁸ – e que os fizesse, logo em seguida, da maneira como os conseguisse captar, pois, faríamos isto de forma alternada: ele observaria e os realizaria logo em seguida.

1- Padronização Homolateral: feita em decúbito ventral, com o rosto voltado para o mesmo lado em que os membros, superior e inferior, estão flexionados. Os membros do outro lado ficam em extensão para baixo, ao longo do corpo. Esta posição vai sendo invertida alternadamente. Esse exercício é realizado sem que haja, ainda, um deslocamento de corpo no sentido longitudinal.

Realização: Tensão, falta de sincronia e de coordenação entre membros superiores e membros inferiores. Não demonstrou reflexo tônico do pescoço.

8-Verificar em Anexos, as fotografias referentes a estes exercícios.

2- Padronização Cruzada: também em decúbito ventral. A cabeça continua voltada para o braço que está flexionado. O outro membro superior fica com a mão sobre as costas, e é a perna deste lado que vai ser flexionada, enquanto o outro membro inferior fica em extensão. Assim, braço e perna flexionados se opõem; deve-se trocar de lado alternadamente e, também neste exercício ainda não há um deslocamento no sentido longitudinal.

Realização: Da mesma maneira como no exercício anterior, não conseguiu sincronia e também o reflexo tônico do pescoço não se apresentou.

Para Delacato (1966, p. 62), o reflexo tônico do pescoço tem a sua sede fisiológica na medula; seu primeiro uso realiza-se intra-uterinamente, pois, permite ao feto o seu movimento seriado de mais alto nível. Assim, ao realizar essas duas padronizações, está-se ativando esse reflexo tônico cervical, juntamente com toda a preparação de programação para o rastejar, pois, a criança usa o reflexo tônico do pescoço para mover-se, arrastando o corpo.

3- Rolar: inicia-se um primeiro deslocamento alternando-se, de decúbito ventral para dorsal.

Com esse movimento está-se acionando o sistema neurológico em nível de medula. Holle (1976, p. 25) observa que *esse é o movimento giratório natural, quando a coluna vertebral gira sobre seu próprio eixo, e este movimento continua a ser utilizado através da vida*. Na escala filogenética corresponde às formas mais antigas de vertebrados; vivem na água e a área neural mais importante é a da medula. Na escala ontogenética esse estágio predomina até aproximadamente 16 semanas de idade.

Realização: sentiu considerável tontura e, não manteve sequer um mínimo de linearidade.

4- Rastejar Homolateral: ficando na mesma posição utilizada para realizar a Padronização Homolateral, impulsiona-se o corpo com o hálux do membro inferior que está flexionado e, com a mão do mesmo lado aderida ao solo, puxa-se o corpo todo para a frente, sempre alternando os lados.

Este movimento, adquirido pelo bebê por volta dos quatro meses de idade, corresponde ao estágio neurológico da Ponte de varólio e, na filogênese, reporta aos anfíbios. É Delacato (1966, p.50) quem observa :

O anfíbio fez a transição de animal de água para animal de terra, de um animal de movimento homolateral para um de movimento cruzado, e de animal de protuberância anular para animal de mesencéfalo”.

Realização: o corpo não conseguia se manter deitado, tendo erguido todo o tronco; alternava entre homolateral e cruzado mas de forma bem descoordenada.

5- Rastejar Cruzado: com o tronco mais elevado, deixa-se que rasteje espontaneamente, apenas indicando-lhe que levante, um pouco, o tronco do chão.

Esta escala, na filogenia, corresponde a dos répteis; estes, não precisam estar imersos em água, portanto, é a classe dos primeiros animais a evoluírem de vida na água, para animais de vida na terra. Na criança, este padrão de movimento ocorre por volta do sexto mês. Holle (1976, p. 26) assim ilustra:

Engatinhar sobre o estômago pode representar uma excelente preparação para engatinhar sobre os quatro

membros. Promove o movimento rítmico e a coordenação de todos estes. Ao mesmo tempo a coluna torna-se flexível e sua rotação melhora como uma continuação do antigo movimento do anfíbio. Mover a perna flexionada para a frente, ao longo do assoalho, exige a rotação do quadril.

Realização: começou a mostrar um pouco mais de domínio do corpo sobre o espaço realizando com um pouco mais de flexibilidade, embora ainda de forma bem rudimentar.

6- Engatinhar do Gato: eleva-se o abdomen do solo e se apoia sobre os dois membros superiores (as mãos, propriamente ditas) e os membros inferiores (joelhos), permite-se com que realize, espontaneamente, este movimento de locomoção.

Em relação à filogênese, estamos na escala de transição dos répteis para os quadrúpedes onde, segundo Fonseca (1988, p. 47) surgem várias adaptações, dentre elas,

... o aparecimento definitivo do diafragma, permitindo melhor ventilação pulmonar (...) e o campo anterior, que envolve dois aspectos morfomotores complementares: a ação da cabeça e a ação do membro anterior.

Ainda,

Estes dois pólos, o facial por um lado, e o manual por outro, constituem, provavelmente, as aquisições motoras mais significativas em termos de controle e coordenação cerebral, isto é, são dois aspectos da evolução que materializam o êxito biológico que culmina, no ser humano, nas funções de aprendizagem e de trabalho. (Fonseca, 1988, p. 47)

Quanto ao desenvolvimento ontogenético, é ao redor dos dez meses que a criança geralmente está pronta para engatinhar, pois, o reflexo tônico do pescoço já está inibido e os movimentos de seus braços e pernas não dependem mais da cabeça e do pescoço para se mover. Holle (1976, p. 27-28) apresenta-nos uma série de vantagens que o engatinhar traz para a criança, dos quais sintetizaremos alguns:

- manutenção vertical da cabeça e livre movimentação em todas as direções para acompanhar estímulos auditivos e visuais que chamam sua atenção.
- desenvolvimento da fixação do olhar.
- os olhos se acostumam a mover-se para posições extremas.
- os músculos dos braços são treinados.
- as mãos se dobram para trás ao nível do punho e os dedos se abrem, flexionando-se e apontando para a frente, representando uma preparação para o posicionamento natural de segurar objetos.
- avanço no padrão das pernas porque quadris e joelhos se flexionam alternadamente, enquanto os tornozelos se estendem, pois, a parte superior dos pés permanecem no chão.
- o desenvolvimento do sistema nervoso central permite uma diferenciação mais fina das articulações de quadris, joelhos, tornozelos, pés.
- o padrão de movimento cruzado traz significativas rotações e flexões laterais na coluna espinhal, possibilitando a manifestação de movimentos rítmicos do corpo inteiro.

- o aprendizado do equilíbrio corporal sem apoio é proporcionado pela passagem do peso de um braço para uma perna e, de um lado para outro. É uma preparação natural para a marcha ereta.

Realização: fê-lo, embora aos solavancos, apresentando ausência de ritmo e de sincronia.

7- Engatinhar do Macaco (também denominado *quadrupedia ventral e dorsal*): neste exercício realiza-se um outro tipo de engatinhar, só que apoiando os pés e as mãos no chão, ou seja, com as pernas estendidas e já não mais com os joelhos servindo-lhe de apoio.

Realização: o Pequeno Valente alternava entre o homolateral e o cruzado, confundindo-se todo, interrompendo e recomeçando. Não havia tônus de membros superiores e, também a cabeça não conseguia se manter para baixo, dando-lhe tontura e falta de equilíbrio.

8- Senta e Levanta: fica-se de cócoras, com as plantas dos pés apoiadas no chão e, em seguida, deve levantar, manter-se ereto e se sentar novamente.

Realização: muita dificuldade em manter o equilíbrio. Havia tendência em flectir os joelhos para dentro.

9-Escada (também denominada *espaldar*): uma escada de ferro, suspensa horizontalmente próxima ao teto, cujos degraus têm a dimensão aproximada de $\frac{3}{4}$ de polegada, segura-se primeiro com as duas mãos e os polegares em oponência, realizando a troca alternada de mãos ao longo dos outros seis ou sete degraus.

Realização: conseguiu efetivar, embora não realizasse a oponência com o polegar; deu início com a mão esquerda, manteve-se suspenso em apenas dois degraus e a língua se manteve fora da boca o tempo todo.

Estes três exercícios anteriores, *macaco, senta/levanta e escada*, reportam, na escala filogenética, à passagem da quadrupedia para o bipedismo. É Fonseca (1988, p. 50), quem observa:

... os primatas adquirem uma preensão permanente e uma postura de sentado, característica. De uma preensão esporádica e temporária, passamos a uma preensão constante e diversificada. A preensão, como característica motora que mais libertações anatômicas compreende, é a consequência pura e simples de uma maior autonomia postural, adquirida fundamentalmente com a postura de sentado.

O termo antropomórfico, segundo Leroi-Gourhan apud Fonseca (1988, p. 53), cria a ligação entre os grandes símios e a humanidade; além disso, defende que a motricidade arboreal proporcionou importantes tendências adaptativas, como alargamento do cérebro, recessão do prognatismo, convergência dos olhos, especialização preensiva das extremidades, desenvolvimento neurológico oculomotor, integração interneurossensorial, dentre outras.

10- Marcha Cruzada: estando em pé, a marcha é feita com movimentos acentuados para se estimular bem os proprioceptores. Uma das mãos toca nas costas enquanto a outra bate no terço distal da coxa oposta, que deve estar elevado.

Para Delacato (1966, p.59-60), à medida que o ambiente se alterava, o homem passou a modificar sua atividade ou função e, concomitantemente, sua própria

estrutura modificou-se, também. Assim, apresenta a questão chave que permeou toda sua pesquisa:

Se isto é verdade para o desenvolvimento filogenético da humanidade, não seria possível ontogeneticamente alterar a estrutura de um único homem (uma criança doente, lesada) alterando seu ambiente e sua função?

Desta forma, obedecendo-se a esta sequência, passa-se, gradativamente, da posição horizontal para a posição vertical, retomando as etapas que foram, ou não, devidamente vivenciadas no primeiro ano de vida da criança.

Realização: Na espontaneidade, a marcha não apresenta ritmo ou sincronia. Os pés parece que não medem a profundidade onde estão pisando, realizando um caminhar inseguro e pouco uniforme. Ao compreender melhor como realizar a marcha em padrão cruzado, mostrou-se um cumpridor de tarefas, procurando pensar no movimento para realizá-lo. Nessa condição, ou seja, já não na espontaneidade, apresentou considerável tensão muscular, inclusive na fala.

11- Cambalhota(também denominada rolamento): realiza-se este exercício ao longo de um colchonete , visando ativar o sistema vestibular.

Realização: relativa falta de impulso, harmonia e de manutenção da cabeça na posição adequada para realizar o movimento.

12- Rede Giratória: suspensa por um gancho de ferro preso ao teto, a rede giratória ou, rede de sentar, proporciona que se receba o movimento do girar possibilitando melhores estímulos para o labirinto e o cerebelo.

Realização: embora sentisse tontura, gostou bastante, querendo continuar por mais tempo que o previsto.

Holle (1976, p.147) inicia sua abordagem sobre o equilíbrio, afirmando que a capacidade de um indivíduo para se equilibrar, relaciona-se com o sistema labiríntico (ou vestibular) e com o cerebelo. Este último, recebe informações relacionadas com a posição da cabeça provenientes do labirinto vestibular, buscando controlar a coordenação de todos os movimentos, exercendo, portanto, grande influência sobre o equilíbrio em geral.

O labirinto, por sua vez, situa-se no ouvido interno e, a partir dele, originam-se diversos reflexos que vão influenciar o tono muscular, os reflexos posturais do corpo e a orientação na direção e na velocidade.

Fonseca (1988, p. 197) observa que as excitações labirínticas têm origem em receptores especializados situados na membrana labiríntica, cheia do líquido endolinfático. O labirinto ósseo, preenchido pelo líquido perilinfático suporta, em suas paredes, dois tipos de aparelhos sensoriais:

- os canais semicirculares que são três: um vertical, outro frontal e o outro, horizontal.
- os otólitos, que pertencem a um sistema composto de receptores do tipo tátil, formados por finos cristais de carbonato de cálcio.

É agora Doretto (1989, p.244) quem fundamenta que o aparelho receptor de estímulos é constituído por células ciliadas e que:

Quando ocorre a inclinação da cabeça para a frente ou para trás, para um lado ou para outro, ocorre o

deslocamento dos otólitos e, conseqüentemente, inclinação dos cílios.

Assim, observamos que na sequência de exercícios da Reorganização Neurofuncional há o *rolar* (movimentação horizontal dos canais semicirculares), a *cambalhota*, ou *rolamento* (movimentação frontal) e há, também, o *girar sentado na rede*, ativando a movimentação vertical, para a direita e para a esquerda, preenchendo, portanto, os três planos do espaço.

13- Pular corda: ao se solicitar que pule corda, busca-se ativar, além da coordenação motora, a percepção têmporo-espacial. Assim, este exercício está subdividido em algumas etapas, realizadas, em uma média de dez passos cada uma: pula-se, primeiramente, com os dois pés juntos, depois, com um pé à frente; na sequência, com outro à frente; logo em seguida, alternando um e outro pé para, finalmente, pular-se com um só pé de cada vez. Este exercício pode ser desenvolvido por outras sequências mais complexas, conforme se vá adquirindo mais coordenação e ritmo; entretanto, cabe lembrar uma indicação efetiva de Padovan em seus cursos, que é o fato de não se buscar, em *nenhum exercício*, trabalhar no sentido de um treinamento. A própria pessoa vai conseguindo, de acordo com a vivência sequencial, uma conquista gradativa de seu conhecimento e domínio corporal.

Para Holle (1979, p.156), *Pular corda exige boa coordenação nos movimentos dos braços e das pernas, assim como uma parcela de persistência e, por isso, representa um bom exercício.*

Realização: só conseguiu realizar parte da primeira sequência; isto ocorreu de forma rápida, sem ritmo, com tensão e falta de coordenação,

sem se manter no mesmo espaço, ou seja, andou e se virou por várias vezes para conseguir tal feito.

14- Olhos: este exercício é feito em uma parte da sala, devidamente vedada à luz, formando uma câmara escura, onde se pede ao aluno que tampe um olho. Estando com o outro aberto, este receberá um jato de luz, durante um segundo, proveniente de uma lanterna. Logo em seguida, pede-se que alterne a obstrução, realizando-se a mesma operação com o olho oposto. Após os cinco jatos de luz alternados em cada olho, realiza-se a segunda sequência destes exercícios que se compõem por: movimentação horizontal monocular, também com a lanterna acesa, a movimentação vertical e a circular, realizando, em média, dez segundos para cada uma destas etapas. Passa-se, a seguir, para o outro olho e se realiza a mesma sequência. Dando continuidade, o mesmo se fará binocularmente, ou seja, com os dois olhos: jatos de luz por 5 vezes com a duração de um segundo de lanterna acesa e 8 segundos de lanterna apagada, movimentação para a horizontal, em torno de 10 segundos, movimentação vertical e circular, também com a duração de 10 segundos e, nesta etapa introduz-se o aproximar e o afastar da lanterna em direção aos olhos, com a mesma durabilidade de tempo como com os anteriores.

Para que seja possível compreender a presença deste exercício na sequência ontogenética do movimento, buscamos trazer algo sobre os pares de nervos cranianos, também denominados nervos encefálicos, segundo a Nomenclatura Anatômica Oficial. Estes, são em número de doze pares; suas fibras constituintes são eferentes (que partem do sistema nervoso central para o sistema nervoso periférico) e aferentes (que partem do sistema nervoso periférico e vão para o sistema nervoso central) Originam-se, todos, nas regiões subcorticais, a partir de tronco encefálico. Destes doze pares, três estão ligados, diretamente, com a motricidade e coordenação

dos olhos, instrumento extremamente importante no desempenho de leitura e escrita. Assim, descartada a possibilidade de problemas com a acuidade visual, observemos a correspondência que estes três pares apresentam nessa micromotricidade:

Nervo Oculomotor: terceiro par, de origem mesencefálica; é um nervo motor, cuja função é a de movimentar os olhos. Distribui-se para os músculos: reto superior, inferior e medial, oblíquo inferior e constrictor da íris.

Nervo Troclear: quarto par, também de origem mesencefálica. Sua função é a de movimento dos olhos, por ser um nervo motor. Sua distribuição dirige-se ao músculo oblíquo superior.

Nervo Abducente: sexto par, origina-se no mesencéfalo e distribui-se para o músculo reto lateral, cuja função, também é a de proporcionar o movimento dos olhos no sentido da abdução.

Há, ainda um outro par relacionado aos olhos, que é o **Nervo Óptico**, segundo par, de origem diencefálica, cuja função baseia-se em conduzir as sensações luminosas, recebidas na retina, aos centros nervosos.

Realização: as pupilas estavam em midríase, isto é, em dilatação, e assim se mantiveram, havendo pouca contração. Não conseguia acompanhar o movimento da lanterna só com os olhos: ou a cabeça se mexia, ou nada fazia. Houve, também um considerável lacrimejar.

15- Mãos: este exercício também se compõe por uma sequência e consiste em realizar a movimentação com as mãos, seguindo a ordem de aquisição e desenvolvimento. Inicia-se, portanto, com a pronação e supinação, utilizando-se uma poesia para determinar o tempo de cada

etapa. Em seguida, mãos fechadas com o polegar para dentro e, depois para fora; na continuação, opõe-se todos os dedos ao punho da própria mão e dá-se início à oponência do polegar com cada um dos dedos.

Concluindo-se esta atividade, faz-se um pequeno jogo de coordenação mão/olho, com cinco saquinhos de tecido, medindo 3cm. x 3cm. e recheados de areia, que são denominados, no folclore, como *jogo de pedrinhas* ou *cinco marías*, e que consiste em ter um saquinho em uma mão, enquanto os outros estão espalhados pelo chão. A mão que contém um saquinho, deve jogá-lo para o alto e pegar um outro que está sobre o chão, no mesmo instante em que o primeiro ainda está no ar; espera-se, no retorno, que os dois saquinhos possam ficar na mesma mão e, em seguida, proceder à continuidade do jogo de modo a que sempre fiquem apenas dois saquinhos na mão e, gradativamente se esgote os que estão no chão.

A coordenação olho/mão é fundamental para o processo de leitura e escrita, além de quase todas as habilidades que o ser humano realiza em suas ações, desde que estas não sejam automatizadas como, por exemplo, confeccionar um tricô manual com tanta prática que não se faz necessário verificar por onde enlaça o fio, por onde penetra a agulha. Assim, observando-se as ações do homem que exigem-lhe atenção e consciência, vemos que a coordenação viso-manual-motora está presente.

Realização: também nesta atividade inicial o Pequeno Valente se manteve com baixa coordenação, tanto no que se refere às mãos, quanto à sincronia olho/mão.

De acordo com esta série de exercícios neuromotores referentes à ontogênese do movimento, pudemos observar que o Pequeno Valente apresentou, em sua realização, algumas lacunas que nos são significativas como, por exemplo, a falta de sincronia em membros superiores e inferiores, dificuldade com ritmo e equilíbrio, insegurança e irregularidade na marcha, excesso de sensibilidade nos olhos e

dificuldade de coordenação óculo-manual-motora. Essas lacunas denunciavam falhas no domínio corporal – a ansiedade que se refletia na movimentação inquieta – e a baixa coordenação olho-mão fundamental para o processo da escrita.

Também um olhar para os lados : a lateralidade

Estivemos descrevendo a segunda etapa do processo avaliativo que se encerrou com a atividade das mãos, dando início à terceira que se refere à Dominância de Hemisfério Cerebral. Nesta série precisamos saber se o Pequeno Valente apresenta dominância definida unilateralmente ou se apresenta cruzamento, pois, segundo Delacato (1966, p.138), essa dominância estabelece-se através de um processo seletivo, receptivo e expressivo de maturação, devendo estar definida por volta dos oito anos de idade em indivíduos normais. Este autor considera que essa unilateralidade — quando uma das mãos, pé, ouvido e olho se tornam dominantes e estejam situados no mesmo lado do corpo – seja um pré-requisito para bom desempenho e domínio de fala, leitura e escrita.

Entretanto, Springer (1998, p.161) observa que estudos realizados mostraram pouca relação entre preferência ocular e assimetria hemisférica porque *os sistema visual está organizado de tal forma que cada olho envia informação para ambos os hemisférios a partir de diferentes metades da retina*. Mas cita que em amplo estudo sobre preferência de mão, pé, olho e ouvido, em sua maioria essas várias preferências estavam correlacionadas.

Assim sendo, vejamos como se apresentaram em nosso Estudo de Caso essas dominâncias pela direita ou pela esquerda, cujas demonstrações se fazem em quatro etapas:

1- Olho: estávamos com um canudo de papelão recoberto por papel celofane vermelho, como se fosse uma luneta, e pedimos ao Pequeno Valente que tampasse um olho com uma mão e com o outro, observasse através do canudo tentando buscar três pontos que estavam marcados na parede (um a um por ordem de dificuldade) a mais ou menos quatro metros de distância do alvo. Sua primeira iniciativa foi enxergar com o *olho esquerdo* e segurar o objeto com a *mão esquerda*. Repetimos o exercício pedindo a este que trocasse de olho, realizando a tarefa da mesma maneira. Desta vez, obedecendo ao solicitado, utilizou *mão direita e olho direito*. Na terceira etapa, escolhemos um ponto ainda menor e menos visível, aumentando-lhe, portanto, o grau de dificuldade, e lhe pedimos que escolhesse com que olho gostaria de localizá-lo. Sua resposta foi que *tanto fazia*; que usaria o olho direito porque já estava pronto mesmo. Na verdade, ele não sabia que o que estava sendo medido não era o seu desempenho no acerto, mas o uso que estava dando para olho e mão.

2- Pés: com uma bolinha de tênis pedimos ao nosso jovem que fizesse três gols, a uma distância aproximada de quatro metros; primeiramente, bem no canto esquerdo da sala, depois bem no centro e, finalmente, bem ao canto direito. Novamente o que buscávamos saber é o pé com o qual chuta, e não o acerto em foco, e sua resposta deu-se, nas três vezes, para *pé direito*.

3-Ouvido: apresentamos-lhe uma pequena caixinha de papelão bem fechada, na qual havia alguns objetos. Pedimos que a chacoalhasse bem próxima ao ouvido e que dissesse, pelo som, quantos objetos estavam ali e de que material deveriam ser feitos. Novamente buscando acertar, o Pequeno Valente utilizou *ambos os ouvidos*, apresentando sua resposta à questão solicitada.

4-Mão: antes de pensarmos na escrita, podemos procurar saber, quanto à escolha, se há maior percepção por sensibilidade, fator que não foi aprendido ou imposto pela alfabetização. Assim, em um saquinho de tecido contendo alguns objetos pequenos, pedimos que buscasse, pelo tato, algo que tivesse sido feito pela natureza, e não pelo homem. Sua atitude foi uma busca imediata realizando a ação pela *mão direita*.

Assim sendo, o Pequeno Valente apresentava definição para o lado direito em pé e mão; quanto a olho e ouvido, para ele tanto fazia por qual lado iniciaria sua busca. Conforme citamos anteriormente, há autores que acreditam que essa falta de definição seja um fator responsável por processos de dificuldades em leitura e escrita, enquanto outros não. Bender (s/d, p. 2-6) considera que o atraso na maturação caracterizado por dificuldades específicas de linguagem, está relacionado ao curso da evolução afetando a dominância cerebral para a motricidade e para a orientação espacial. Para esta pesquisadora, um atraso na maturação pode ocorrer em outras áreas do comportamento motor e a personalidade do paciente, muitas vezes também imatura, torna-o mais vulnerável aos problemas da vida. Considera, ainda, que quando a dominância cerebral esteja mal estabelecida, podendo ser mista ou variar conforme o dia, as noções relativas à orientação espacial são experienciadas inadequadamente.

Expressão e compreensão: o ato da leitura e o da escrita

Embora pareçam extremamente longos os caminhos que já trilhamos até agora – estávamos a setenta minutos, aproximadamente, de nosso contato inicial – o Pequeno Valente se achava contente, afinal, todas as atividades até então lhe agradaram muito porque foram desafios – segundo suas palavras – *com o uso do corpo e não do cérebro prá ter que pensar*. Mas estávamos nos aproximando da etapa

final deste processo, cuja abordagem deveria se referir às condições de leitura e escrita.

A composição terapêutica do *Método Padovan de Reorganização Neurofuncional* é formado, conforme apresentamos anteriormente, por duas partes: a sequência ontogenética do movimento e os exercícios oro-buco-faciais relativos às funções reflexo-vegetativas; estes últimos, por motivos de serem específicos de uma intervenção fonoaudiológica, não serão apresentados no presente estudo. O que faremos, nesta quarta etapa, é apresentar a continuidade desse estudo que se estruturou dentro da vivência pedagógico/terapêutica que realizamos em nossas intervenções com os alunos, os quais apresentavam defasagens nos atos da linguagem referentes à comunicação e expressão, na organização dos estudos e na hierarquização do pensamento. Como o Pequeno Valente chegou-nos através de uma solicitação feita por sua escola, precisamos observar-lhe esses aspectos.

Leitura Ativa:⁹ oferecemos-lhe um texto narrativo para que o lesse em voz alta procurando verificar sua postura corporal, melodia, entonação, ritmo e sequência, dentre outros aspectos. Em seguida, foi-lhe pedido que contasse o que leu com suas próprias palavras, sem se apoiar no texto para buscar as informações; que contasse o que se lembrava da história lida.

Realização: Enquanto lia, fazia paradas em cada palavra buscando se certificar de que estava lendo corretamente; no entanto, isso se deu apenas no início, praticamente nos dois primeiros parágrafos. Passou a se mexer de modo inquieto com as pernas e com a cabeça; depois, os olhos começaram a lacrimejar e passou a fazer uso do dedo indicador para seguir a leitura; assim mesmo passou a realizar omissões,

9-Verificar em Anexos o texto utilizado para leitura.

adivinhações em palavras mais longas e a dar ênfase inadequada à tonalidade.

Compreensão da leitura: Conforme pudemos observar, sua leitura se realizou de maneira fragmentada e sem as devidas entonações, que nos permitem discernir as falas do narrador e a dos personagens, proporcionando melhores condições para compreensão do texto lido. Assim sendo, percebemos que o Pequeno Valente se baseou em alguns personagens, algumas ações e em cenas que ocorreram na narrativa e, a seu bel prazer associou-os, sem se dar por conta de que a história contada não se referia, de forma alguma, ao texto original, a não ser pelos elementos que já citamos.

Leitura Passiva: pedimos, ao nosso jovem, que apenas ouvisse a leitura de um outro texto narrativo. Após o ocorrido, foi-lhe pedido que recontasse o que havia ouvido.

Realização: embora as pernas balançassem e as mãos procurassem algo sobre a mesa, o seu recontar foi claro, coerente e sequencial, embora bastante sintético.

Escrita : Propostas e Realizações:¹⁰- esta atividade foi dividida em duas etapas: a primeira sugeria a escrita através de um texto para ser completado por frases, onde se procurava observar, além dos aspectos envolvidos na motricidade e organização da escrita, também sua percepção espaço/temporal,e o sequenciamento de idéias dentro de conteúdo proposto. Nesta etapa, o Pequeno Valente teve bom desempenho quanto ao conteúdo. A segunda etapa propunha a elaboração de um texto narrativo em primeira pessoa onde o narrador e

10-Verificar em Anexos os textos produzidos pelo aluno nesta primeira etapa.

mais alguns amigos estivessem em viagem junto à natureza e algo de inusitado ocorresse, fazendo com que alguém tomasse as devidas providências. Neste caso, nosso jovem valente fugiu completamente à proposta temática, elaborando, provavelmente, um conteúdo de História do Brasil que lhe veio, aleatoriamente à lembrança.

A motricidade da escrita era realizada de maneira muito movimentada: a folha de papel era inclinada, ora para um lado, ora para o outro, ora para o centro. Os olhos se aproximavam muito no momento da elaboração – aproximadamente quinze centímetros – mas a acuidade visual, recentemente avaliada pelo oftalmologista, era normal. Além disto, sua escrita era apoiada na oralidade e não apresentava linearidade espacial na horizontal ou no tamanho das letras dentro de uma mesma palavra. Movimentava-se com os pés, a cabeça, os ombros... às vezes parecia que ia se levantar e ir embora. Mas permaneceu até o fim. Queria desenhar e perguntou se podia; respondemos afirmativamente, assim que terminasse o seu texto.

Realização de Desenho por iniciativa própria: De maneira bem interessante e surpreendente, suas produções eram relativamente boas, tanto cópias como criações. No entanto, para realizá-los, virava a folha de vários lados iniciando por um ponto e, logo em seguida, indo a outro e depois outro. Após o desenho concluído, jamais se teria a idéia do caminho percorrido, ou seja, na execução não havia sequenciamento e regularidade linear, aspectos fundamentais exigidos na escrita.

De acordo com o que pudemos observar em relação à realização desta etapa, o Pequeno Valente apresentava alguns pontos em seu sistema motor que não lhe permitiam uma fluência do ato da leitura ou da escrita. Para Le Boulch (1983, p. 25), *Todos aqueles que aprendem mal ou devagar a ler ou a escrever não são disléxicos nem disgráficos, mas podemos admitir que apresentam, em graus menores, as mesmas dificuldades que os disléxicos.*

Assim sendo, as observações que pudemos realizar a partir de seu desempenho em ler e escrever nos mostram que, de alguma maneira, havia algo a ser melhor observado no processo motor, seja no que se refere à focalização no objeto da escrita, seja no sequenciamento linear das palavras no texto, como na localização de seu próprio corpo no espaço.

CAPÍTULO III

O Processo Terapêutico

Primeira Etapa

O Começo da Jornada

Estávamos no início da tarde de um outro dia de novembro de 1.997. A mãe do Pequeno Valente achou por bem que já se iniciasse o trabalho terapêutico, mesmo que estivéssemos no final de um ano letivo, pois, como seu filho havia gostado de nosso encontro inicial, poderíamos dar sequência ao processo; sua preocupação era de que as férias o distanciasse da proposta a que havíamos chegado – de comum acordo – entre a família, a escola, e as quatro terapeutas que o acompanhavam. Conforme já mencionamos anteriormente, nosso aluno tinha vivenciado, durante aquele ano, o acompanhamento com duas psicólogas, uma fonoaudióloga e uma pedagoga.

Em nossas observações pudemos constatar que tanto a corporalidade como as esferas referentes à comunicação e à expressão estavam em visível defasagem; cabia-nos, portanto, retomar sua própria caminhada através da sequência ontogenética do movimento e dos processos relativos à compreensão e elaboração de textos.

Do ponto de vista neurofuncional sabe-se que o processo da aprendizagem se realiza através de uma complexa rede de conexões e de associações e que tentar simplificá-las a ponto de buscar respostas setorizadas será reduzir, sensivelmente, a abrangência de tais conexões. Assim, antes de mencionarmos aprendizagem ou cognitividade, devemos dirigir um olhar à própria motricidade por sabê-la surgir antes das aquisições do pensamento, conforme nos ilustra Fonseca (1988, p. 11)

A motricidade, (...) é o meio através do qual a consciência se edifica e se manifesta. É a própria motricidade que leva ao desenvolvimento do cérebro. (...) *Motricidade sem cognitividade é possível, mas a cognitividade sem a motricidade não o é.* (...) Os distúrbios no desenvolvimento motor comprometem sempre o desenvolvimento da linguagem e da cognitividade.

Deveríamos, portanto, cuidar de seu processo do andar significando, para tal, que iniciariamos por trabalhar mais os aspectos relativos ao corpo que a adequação em leitura e escrita. Esta, seria uma parte que focalizaríamos em outro período, quando sua percepção corporal já tivesse adquirido algum domínio, alguma conquista consciente.

Embora estivéssemos no final do ano conseguimos realizar sete aulas até que entrássemos em férias e depois retomássemos em fevereiro. Assim, o Pequeno Valente muito interessado em vencer os desafios que lhe eram impostos quanto à parte motora, chegava pontualmente no primeiro horário da tarde, sentava-se, ia tirando tênis e meias, contando que gostava de Educação Física, que queria ir e voltar à pé para casa, que um dia ainda ia ter uma academia para tratar de *gente deficiente, e que ...* Se o deixássemos falando, ficaria a tarde toda expondo o verdadeiro sentido de um trabalho escolar, de um trabalho social. Na verdade, ele estava começando a falar o que teve de calar por muito tempo: sua motricidade em detrimento de seu desempenho cognitivo escolar.

Começávamos as padronizações e, para cada um dos exercícios uma poesia era declamada. Isso o interessava, sobremaneira, porque queria aprender a decorá-las também. A cada movimento, um verso era mencionado visando dar-lhe ritmo, sequência e conteúdo, apresentando os exercícios e os processos da linguagem de forma indireta, ou seja, não impositiva. Desta forma, quando iniciávamos as padronizações homolateral e cruzada com poesias marcadas por um ritmo bem aparente, desde as primeiras aulas o Pequeno Valente sentia um desafio de querer ouvir um verso e falar o seguinte, como se fosse um concurso de tentativas de erro e acerto:

De onde vieste, óh! anjo celeste,
Que um dia trouxeste em teu meigo olhar?
O azul mais profundo, o azul de outro mundo
O azul lá do fundo, das águas do mar? ¹¹

Isso o estimulava sensivelmente, porque queria saber quem havia composto aquele poema, se era um autor brasileiro, se estava vivo, enfim, o aluno começava a tomar contato com o lado agradável da linguagem, com o seu lado poético, sem que isso se tivesse feito de maneira incisiva.

A cada exercício que fazíamos diluía-se a focalização sobre o acerto ou bom desempenho motor, ocupando-lhe o pensar com versos que lhe traziam o incentivo de registrar as rimas e as aliterações, além da memorização. Para Paz (1.976, p. 11),

O ritmo não só é o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem

Desta forma, como estávamos realizando – com a ontogênese da motricidade – o percurso por um caminho primordial já trilhado, buscávamos com os

¹¹ Verificar em Anexos, as poesias utilizadas em cada um dos exercícios.

versos algo semelhante, como se disséssemos que estávamos percorrendo a ontogênese da linguagem.

Quanto à realização dos quinze exercícios relativos à sequência neuromotora, seu desempenho se assemelhava ao procedimento inicial, ou seja, pouca sincronicidade e organização; insistia em querer fazer malabarismos que não estavam na programação, utilizando-se de uma fala constante. Mas, ao perceber que cada exercício se findava no momento em que também se concluía o poema que estava sendo declamado, a inquietude se foi e, gradativamente, começou a se interessar pelos versos. A princípio, pelo próprio ritmo; depois, pelo conteúdo.

Percebíamos que havia a necessidade de usar a maior parte do tempo de nossa terapia, que era de uma hora, com a parte motora; assim, subdividimos em quarenta e cinco minutos para a motricidade, e quinze para ler ou escrever. Esse contato com a leitura se dava através de tarefas que lhe desafiavam a imaginação: a explosão do vulcão Cracatoa, os mineiros em busca do carvão mineral, a fuga do presídio pelo Conde de Monte Cristo, dentre outras. Dividíamos este momento em etapas: o Pequeno Valente lia algumas orações, depois apenas ouvia um ou dois parágrafos e, finalmente, nós dois líamos juntos outros trechos. A leitura começava a interessá-lo, embora os olhos lacrimejassem e a cabeça doesse um pouco. Entretanto, dar continuidade àquilo que se passava no conteúdo escrito principiava por despertar-lhe o interesse.

Concluimos aquele ano letivo com leveza e comprometimento para o recomeço em fevereiro do ano seguinte, onde ele estaria cursando a quinta série; sabia que havia lhe sido dado um voto de confiança para passar de ano e que muito do bom fluxo naquela série dependeria de seu empenho. Assim sendo, nossas sete aulas iniciais tiveram um excelente ritmo e um elo de coesão para a continuidade.

Germinando : Primeiro Semestre de 1.998

As folhas secas rodavam pelas ruas, pelos pátios e gramados. O sol era ainda quente e, embora se procurasse uma sombra às horas da tarde, nem sempre se encontrava, pois, a força do vento arrancara a cobertura das copas das árvores e a luz do outono tingia as cidades da região sudeste.

O Pequeno Valente vinha, ininterruptamente, às terças e quintas-feiras, às catorze horas; vinha a pé, direto da escola, após um lanche, bate-papo e aula de Educação Física. A distância percorrida era de aproximadamente três quilômetros e, nesse percurso, vinha trazendo à memória conteúdos gravados – auditivamente – daquele seu dia escolar. Seus cabelos, agora já bem curtos, davam-lhe ares de alguém que buscava enxergar mais os horizontes e que permitia que os outros o vissem também.

Havia alegria no olhar porque começava a adquirir uma série de independências: já não precisava mais esperar que o viessem buscar; o percurso era realizado a pé, ou de bicicleta. As notas, na escola, começaram a melhorar, pois, após reunião pedagógica realizada no início do ano letivo, sugerimos aos professores que buscassem a devolutiva do conhecimento deste aluno mais pelo processo verbal que pelo escrito. As provas por escrito ele as teria sim, mas a correção seria feita de forma menos exigente que ao restante da classe, pois, embora estivesse na quinta série, deveríamos considerar sua relação com os grafemas semelhante a um aluno de segunda série. Assim, poderiam buscar as informações de seu saber através da oralidade, em sala de aula, lançando-lhe desafios e questões durante os momentos das aulas expositivas. Observamos aos professores de Educação Física e de Educação Artística, o quanto seria bom se o solicitassem nas mais diversas atividades.

Para a família, pedimos que não lhe aplicassem mais punições visando a retirada de atividades motoras; ao contrário: que o fizessem participar com seriedade e empenho de modalidades esportivas e que, se houvesse a necessidade de lhe chamar à atenção por indisciplinas ou outras admoestações, que se fizesse de outra forma. Assim, o Pequeno Valente começou a participar, compromissadamente, no clube, de campeonatos de natação treinando às quartas e sextas-feiras à tarde, e de torneios aos sábados.

Nosso contato se iniciava com o seu relato – muitas vezes empolgado – sobre seu desempenho escolar naquele dia. A grande paixão era a aula de História, pois, conseguia penetrar nos conteúdos trazidos pela professora sobre índios, negros, bandeirantes, colonizadores e colonizados. Após a aula, em sua caminhada vindo para o nosso encontro, os conteúdos começavam a vir-lhe em versos. Assim, fez a primeira poesia sobre o índio, que ficou conhecida na escola toda, a primeira de uma série que viria, depois, sobre os mais diversos assuntos: Ecologia, Primavera, Amizade, os Trabalhadores, dentre outros.

Neste primeiro outono continuamos a realizar poucas atividades escritas. O Pequeno Valente não considerava importante destinar o seu tempo para tal. Mas quando era elogiado pela nova poesia que havia composto e era-lhe pedido uma cópia, resolvia destinar a outra parte de nossa aula – após a realização da sequência ontogenética do movimento – para o registro escrito de sua criação.

Algumas vezes se cansava do ato motor da escrita e dizia que faria o trabalho em outro momento; sugeríamos que fizesse só mais pouco e que a continuidade ocorreria em outra aula. Passávamos, então, para os atos verbais da linguagem, onde, uma das coisas que passaram a lhe interessar eram as narrativas biográficas. Ficou profundamente bem impressionado quando soube que o cientista Einstein demorou muito para aprender a ler e a escrever, e que foi considerado por suas primeiras professoras como alguém que jamais chegaria a ter qualquer

desempenho nos atos da inteligência. O mesmo se deu quando soube que Leonardo da Vinci também não foi compreendido por muitos educadores de sua época, pois, como disléxico, custou a descobrirem que sua escrita era totalmente espelhada; no entanto, sua projeção no mundo das artes caminha por séculos.

Estávamos, pois, nesta vivência terapêutica, desvendando-lhe os valores dos atos do saber que se referiam ao domínio da ação, da expressão e da reflexão enquanto consciência de si..

Categorias de Observação

O Domínio da Ação Motora

Os exercícios da sequência ontogenética referem-se, como já foi observado anteriormente, à ordem de aquisição natural do ser humano como uma conquista de maturação e desenvolvimento. Assim, neste primeiro semestre de trabalho pudemos observar no Pequeno Valente um gradativo domínio em ritmo e coordenação, principalmente no que se refere à sincronicidade entre membros superiores e inferiores.

Buscamos aprofundar bem, em quantidade, a atividade com os exercícios mais primitivos, ou seja, as duas padronizações, o rolar e os dois processos do rastejar, pois, não estávamos focalizando treinamento, mas o enfoque nos primeiros movimentos, como se estivéssemos destrancando as primeiras portas de um longo corredor. Os outros exercícios da sequência se mantiveram em quantidade um pouco menor que os primeiros.

Desta forma, como havia necessidade de sincronia e ritmo – sem os quais não poderia efetivar com desenvoltura os exercícios subsequentes – procuramos

acentuar esses movimentos primitivos, trazendo-os com poesias mais longas, com metrificação clara e rimas bem definidas. Quanto à motricidade das mãos e olhos, estas ainda se achavam bem próximas ao processo inicial, pois, ainda havia a sensibilidade ocular à movimentação para a leitura, e baixa coordenação motora para a escrita.

O Domínio da Expressão Social

Na escola, em sua área de atuação social, o Pequeno Valente começava a participar com mais vontade e interesse, pois, sentia que estava sendo valorizado nas atividades que conseguia realizar. Por exemplo, só o fato de conseguir reproduzir o conteúdo da aula de História que tinha-lhe chegado apenas pelo processo auditivo, passava a ser uma vitória. Também o fato de fazer poesias – ainda que pequenas e simples – elevaram-no a uma categoria de atuação e de projeção na escola que nunca antes havia experimentado. Em apenas um semestre o aluno passou de caso-problema, para caso-surpresa.

O Domínio da Reflexão: Consciência de Si

No aspecto que se refere a se sentir alguém com capacidade e inteligência para atuar no mundo em que vive, o Pequeno Valente começava a despertar. Ao descobrir que Einstein e Da Vinci tiveram dificuldades para se expressar no sistema escolar ao qual pertenciam, pôde começar a tecer, dentro de si, um paralelo com sua própria vida dentro do processo escolar. O Pequeno Valente começava a imaginar-se, em um futuro distante, como uma personalidade conhecida e respeitada no mundo da ciência, das artes, ou da carreira esportiva. Eram sonhos que começavam a lhe alimentar a alma.

Processos do Andar, do Falar e do Pensar

De acordo com o apresentado por nosso aluno neste primeiro semestre de trabalho conjunto entre nossa terapia, o auxílio da escola, da família e da atividade esportiva – natação – podemos dirigir um olhar a seus textos elaborados no início do ano letivo, verificando que estes apresentavam discaligrafia e disortografia, baixa coordenação e sincronicidade linear, imaturidade textual quanto à elaboração de idéias e aprofundamento das mesmas. De Marco (1.997, p. 30) considera que

a ansiedade infantil constitui, com frequência, um quadro que pode gerar distúrbios de aprendizagem [onde] disgrafias, disortografias, discalculias, dislalias e escrita em espelho são alguns reflexos dessas alterações psicológicas que a criança pode apresentar em decorrência do stress.

Na verdade havia, para o Pequeno Valente, um dever a ser cumprido e com péssimas ferramentas para realizar o intento sugerido: baixa coordenação em motricidade global e fina, negatividade emocional em relação à escola, falta de aprofundamento e continuidade nos atos do pensar.

Entretanto, em apenas um semestre, já o pudemos observar como alguém que começava a demonstrar mais compromisso com a escola – embora utilizando-se do processo auditivo – surpreendendo por sua memorização e associação de fatos, localizando-se, de sujeito indeterminado para sujeito claro e expresso. Nascia, assim, uma alegria no olhar que começava a ecoar em seu falar e em seu pensar.

Segunda Etapa

Florescendo : Segundo semestre de 1.998

Ainda não estávamos na primavera, mas o sol de fim de inverno já anunciava o colorido das flores que estavam por brotar. O Pequeno Valente, na floresta, já vislumbrava sinais da natureza que lhe decodificavam por onde deveria caminhar. Estava percebendo que pelo sentido da audição bem poderia descobrir os enunciados do tempo e, assim, realizar seu percurso sem brigar pelos atalhos, tecendo os passos de sua própria jornada.

Assim, como abriu-se para o ouvir, e esse ouvir era uma quietude interna que gradativamente mais se manifestava em suas aulas na escola, alguns professores lançaram-lhe um desafio acreditando ser impossível registrar os conteúdos de textos dados em classe, como História, Geografia, Ciências e Português, apenas pela memória. Desta forma, aceitando o desafio como algo excitante, passou a participar ativamente das aulas.

Em nossa atividade terapêutica havia passado a realizar, com empenho e organização, a sequência como um todo: a sincronia de braços e pernas estava bem mais fluente, o rastejar homolateral e o cruzado mais coordenados, o engatinhar do gato e do macaco mais ritmados, e a escada, fazia-o com perfeição, querendo realizar a atividade também com os pés. Fazia os exercícios e ia declamando as poesias mesmo quando não era para fazer. Gostava de comentar sobre o conteúdo de cada uma delas e quando mudávamos de poema, e este não lhe sugeria uma profundidade reflexiva, pedia que se falasse *aquele outro* e começava por recitá-lo sozinho.

Não podemos afirmar que os nossos sentidos também passem por um processo ontogenético, mas o Pequeno Valente, do despertar da audição passou para a percepção da visão. Começou a querer escrever as aulas de História em Capítulos

de um livro¹² que ele mesmo os ilustraria, sobre as navegações portuguesas, a era das descobertas. Começava a imaginar como seriam os sentimentos dos navegadores que singravam mares por semanas entre céu e mar e depois, como um presente da natureza o verde das matas que se apresentava com o *Terra à vista!* ou os nativos com sua etnia tão própria e característica.

Certo dia que veio a pé da escola para nossa atividade, mostrava ares de compenetração e seriedade emotiva. Não foi preciso perguntar-lhe o que lhe trazia aquele aspecto ensimesmado; contou-nos imediatamente que, naquele dia, na aula de História, a professora havia dado uma poesia de um poeta português, que reportava exatamente à época das grandes navegações, e que ele a vinha trazendo na memória desde sua saída da escola. Queria declamá-la. Concordamos, e ele assim o fez:

Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Nesse dia o Pequeno Valente não quis realizar a sequência dos exercícios neuromotores, pois ficou muito feliz quando soube que também conhecíamos o poema e seu autor. Assim, quis ver o livro de poesias de Fernando Pessoa (1.980, p. 57), e saber quem era ele, em que época tinha vivido e o que mais tinha escrito sobre mares e navegadores.

¹² Verificar em Anexos a produção espontânea.

Categorias de Observação

O Domínio da Ação Motora

Conforme mencionamos anteriormente, nos exercícios relativos à sequência ontogenética o aluno passou a adquirir boa sincronia, ritmo e coordenação. Não apresentava, ainda, bom domínio nos passos do pular corda e na marcha; neste último, conseguia a realização em padrão cruzado, mas quando precisava pensar para falar durante o trajeto, realizava-o em padrão homolateral, demonstrando, com isso, que o movimento correto ainda não estava automatizado. Com relação aos exercícios com os olhos, ainda havia um considerável lacrimejar e uma dificuldade em manter o sequenciamento linear para leitura e escrita. O mesmo não acontecia com relação a desenhos, cuja produção, nesta modalidade, aumentou consideravelmente.

No que se refere à coordenação com as mãos, realizava os exercícios de nossa sequência com bom desempenho, e a escrita começava a apresentar pequenos graus de melhora: já havia mais uniformidade linear quanto ao tamanho das letras e, no momento de sua execução, não virava a folha de papel para os lados como se estivesse buscando foco. Já conseguia realizar o processo da escrita pela unilateralidade de padrão destro.

Ainda apresentava algumas dificuldades em decodificar a própria escrita pelo fato de realizar algumas omissões de letras e palavras. No ato da leitura havia significativa movimentação de membros. Segundo suas palavras, *os olhos ardem, as letras dançam entre as linhas e fico nervoso porque o meu pensamento é mais ligeiro que os meus olhos e as minhas mãos.*

Na aula de natação o professor disse estar bem contente, já que sua melhora nos torneios aos sábados, entre clubes e escolas, estava acontecendo de maneira bem significativa.

O Domínio da Expressão Social

O Pequeno Valente começou a ser mais expressivo percebendo que existe um contexto social em todas as nossas produções e atuações; notamos essa nova percepção pela iniciativa de querer escrever os conteúdos escolares em formato de capítulos ilustrados com cores e desenhos. Observamos, também, que sua imaginação começou a se tornar mais elástica, tanto no tempo como no espaço, quando começou a se reportar à época das grandes navegações e descobertas, como se estivesse vivenciando algo consigo. Assim, como nos expressamos anteriormente, é como se o seu sentido da visão estivesse se abrindo para o mundo.

O Domínio da Reflexão: Consciência de Si

No dia em que esse jovem chegou profundamente absorto pelo poema de Fernando Pessoa, percebemos que algo de qualitativo, enquanto percepção de si e do outro, estava acontecendo. O que mais o surpreendeu foi saber que o poeta escreveu os versos no início do século XX, mas sobre sentimentos e vivências que tinham ocorrido no século XVI. Esse ato reflexivo, aliado à sua imaginação criadora, trouxeram ao Pequeno Valente um mergulho na alma humana que provavelmente não tinha vivenciado até então.

Processos do Andar, do Falar e do Pensar

Conforme pudemos observar neste segundo semestre de 1.998, verificamos, em nosso aluno, consideráveis modificações em seu domínio com a motricidade, o **Andar**, realizando mais coordenações e ritmo. Esse aspecto passou a ecoar em contexto social, relativo ao **Falar**, pois, começou a ter mais vontade de se expressar e –o que é bem significativo – expressar-se para que um outro pudesse também usufruir de sua criatividade. Da mesma forma, passou a perceber a si e ao outro em um discurso poético que o fez refletir – processo do **Pensar** – no dom artístico de trazer a dor do outro como se fosse a sua própria.

Nosso Pequeno Valente, conseguiu chegar em uma clareira da mata fechada. É no final de um ano letivo, pela primeira vez em toda a sua vida escolar, conseguiu ter férias merecidas sem precisar se ocultar diante de professores, amigos e família. Sentia, nesta clareira, que conseguia ter espaço para se movimentar no Andar, no Falar e no Pensar.

Terceira Etapa

Frutificando: Primeiro Semestre de 1.999

O Pequeno Valente havia concluído com êxito seu percurso na quinta série, tendo recebido, por parte da escola, dos pais, e de nós, o apoio que necessitava para cruzar o emaranhado que a floresta densa lhe proporcionava. Cabe registrar que as dificuldades em matemática foram sanadas com o auxílio do pai que o levava consigo ao seu local de trabalho dando-lhe as tarefas de que necessitava para compreender o mecanismo e o processo dos números na vida escolar.

No entanto, um novo desafio se apresentava: a transferência, de uma escola da rede particular de ensino, para uma escola da rede pública. Havia esta necessidade, por parte das condições econômicas da família, de que o Pequeno Valente caminhasse em outro espaço; este, seria bem maior, tanto em sentido físico como em número de alunos. A pergunta que pairava no ar, para todos que o conheciam, era: *Haverá de conseguir?*

No início do ano letivo, cursando a *Escola Monsenhor Luís Gonzaga de Moura*,¹³ o jovem começou a mostrar seus talentos: as poesias e os conteúdos de algumas disciplinas que já havia visto na escola anterior, e que permaneciam em sua memória com nomes e datas, de forma perfeita. Causou surpresa o fato de um jovem tão talentoso não dominar a escrita como seus colegas da sexta série, mas isso não lhe trouxe muito constrangimento; sabia que iríamos à escola expor para o corpo docente sua história pregressa em relação ao aprendizado, e o trabalho terapêutico que estávamos realizando.

Assim o fizemos, solicitando aos professores que lhe observassem o aproveitamento escolar por seu conteúdo verbal, estimulando-o com trabalhos criativos a partir de pesquisas. O que estivesse escrito de forma inadequada aos padrões da norma culta, tanto em provas como em cadernos, que se apresentasse o lado correto compreendendo que se encontrava em atividade terapêutica.

Nosso aluno continuava a produzir poesias, agora já com mais vontade de escrevê-las, pois, sabia que o registro era importante. Em uma de suas produções, denominada *O Índio*, podemos observar o seu sentimento transposto para um lugar e para um povo, captado em plena aula de História:

¹³ Escola da Rede Estadual de Ensino, situada em bairro próximo à residência do aluno. Sua irmã mais nova também passou a estudar lá.

Quando a bala é disparada
E a vítima acertada,
O índio perde o sangue
Mas não perde o coração.
Ele reza, para que o pajé lhe cure,
Para defender sua gente,
Esse índio é valente
Aprendeu e ensinou
O curumim a utilizar
A sabedoria e o lutar,
E a natureza a salvar.
Mais uma guerra a ganhar,
A cultura da tribo cultivar,
E não deixar morrer, nem levar,
Esse sangue
Que não pára de jorrar.

Passou, também, a produzir mais desenhos, estes bem coloridos e com detalhes que exigiam uma cautelosa constância no processo óculo-manual-motor. Percebemos, pelas palavras contidas no poema, que os olhos e o coração estavam se abrindo para o outro a partir de si. Alguns dias após tê-la composto, o Pequeno Valente trouxe a seguinte observação : *Hoje, quando eu ia vindo prá cá, vi uma flor maravilhosa no mato, perto de um terreno baldio. Até nos lugares mais feios a natureza apresenta coisas bonitas!*

Semanas depois, trouxe um texto longo, de aproximadamente trinta páginas, de uma peça de teatro; informou-nos que passara a fazer parte de uma nova atividade, juntamente com sua irmã mais velha. A peça, denominada *Senzala*, referia-se ao período do Brasil na época da escravidão, e a equipe era formada pelo grupo da *Casa de Jesus*, comunidade religiosa espírita, à qual sua família pertencia. O desafio era grande: ensaio, memorização do texto, postura, encenação... A apresentação estava marcada para dali a alguns meses e o compromisso era, também, de não falhar com a escola. Como estava encerrando mais um semestre letivo, pôde dedicar-se com mais afinco a essa nova atividade.

Categorias de Observação

O Domínio da Ação Motora

O Pequeno Valente passou a realizar os exercícios da sequência ontogenética com excelente desempenho e ação. Fazia-os com uma velocidade surpreendente respeitando ritmo e espaço para cada um. Decidiu, por conta própria, duplicar o número de vezes das etapas do pular corda; assim, como a nossa proposta era de dez vezes para cada sequência, decidiu fazer vinte vezes cada. Sua agilidade e leveza eram impressionantes; sentia-se feliz com os desafios que ia vencendo.

Com relação à motricidade da escrita também estava adquirindo mais organização, pois, a caligrafia estava melhorando sensivelmente. Cabe lembrar que não estávamos fazendo treino caligráfico com o aluno; era a sua percepção e conquista do corpo no espaço que lhe permitiam fazer com que as palavras se organizassem de forma mais harmônica sobre o papel. Os olhos ainda lacrimejavam, ao realizar a leitura, mas o aluno já não se perdia tanto entre as linhas e as palavras.

O Domínio da Expressão Social

Pudemos perceber que a mudança de escola, tão temida por alguns seus antigos professores, não trouxe nenhum obstáculo à continuidade do processo de desenvolvimento do Pequeno Valente. Ao contrário, usou dos talentos adquiridos e reconhecidos, como forma de expressão social em um novo espaço. Na verdade, seu espaço social começava, efetivamente, a se ampliar: assumiu o compromisso de ser ator de teatro juntamente com uma equipe composta por poucos jovens e, em sua maioria, adultos. Percebemo-lo se expondo, se dando a conhecer publicamente por seu próprio esforço e desenvolvimento.

O Domínio da Reflexão: Consciência de Si.

No aspecto que se refere a se conhecer, a saber de suas capacidades e não se intimidar diante de suas limitações, consideramos o Pequeno Valente com excelente empenho quando chegou na nova escola e, sozinho começou a apresentar seus conhecimentos e seus talentos. Em determinado momento, quando houve a eleição para representante de classe, resolveu se candidatar e ganhou, procurando cumprir com esse seu novo posto. Assim, a consciência de si e do outro passaram a se efetivar cada vez mais.

Processos do Andar, do Falar e do Pensar

De acordo com o apresentado por nosso aluno neste primeiro semestre de 1.999, em um novo espaço escolar e com novas amizades, percebemos que essa conquista espacial pôde acontecer, primeiramente porque houve significativo domínio em seu ato motor, ou seja, no processo do **Andar**. Da mesma forma, percebemos que a conquista social também se efetivou de maneira bem positiva, sugerindo-nos que o processo do **Falar** também pôde ganhar em qualidade. O Pequeno Valente, tocando nas esferas da consciência e percepção de si e do outro, deu continuidade ao desenvolvimento do processo do **Pensar**.

Quarta Etapa

Início da Colheita: Segundo Semestre de 1.999

Alguns grãos maduros começavam a despontar, ainda muito tímidos, envoltos pela imensidão dos frutos verdes que a terra insistia em segurar; estes,

esperavam pelo sol de um verão mensageiro que os ritmos do tempo traziam pelo ar. A anciã do tempo seguia, em caminhada, os passos do Pequeno Valente que, quase senhor de si, pisava altivo os terrenos que a floresta sabia lhe apresentar. Já não vacilava no andar, sabia ouvir e olhar, e depois, com gestos e vozes de outrem, aprendera, também, a representar.

A floresta já não era a mata fechada e densa que amedrontava só de se falar. Havia se transformado em clareira, plena de sororocas e palmeirais, já possível de se fazer orientar e de começar a desbravar. Sim, o Pequeno Valente começava a descobrir ainda outros sinais...

Em seu processo escolar, algumas vezes queria desanimar, não porque não conseguisse acompanhar, mas porque sentia que as coisas estavam muito lentas para o seu ritmo de caminhar. As aulas de gramática, matemática e geografia, não o situavam dentro de um sentido de vida que buscava e que identificava quando ouvia ou lia – ainda com lentidão e alguma dificuldade – textos de História ou de Português. Interpretar o que se colocava por detrás do quase dito – como nos poemas – era sua grande paixão. Ademais, estava ensaiando para encenar uma peça de teatro...

Eu faço o papel do Juvêncio, um feitor de escravos. Tenho que fazer aquela cara de mau, aquele homem sem coração... e tenho que falar alto porque no dia da apresentação a platéia vai tá cheia de gente!

Sim, esta experiência trouxe-lhe muito mais vivências sobre o sentido da vida, a transitoriedade desta, o significado dos encontros... O Pequeno Valente começava, pois, a colher os primeiros frutos de sua própria existência.

Paralelamente a essas novas experiências, nosso jovem aluno ingressou no Escotismo, na tropa Senior. Começou a participar de acampamentos, a aprender sobre

táticas de sobrevivência na floresta, primeiros socorros... Os encontros eram sempre aos sábados pela manhã e os acampamentos a cada 40 dias aproximadamente.

Por estar inserido nesta nova atividade deixou de participar dos torneios de natação, mas continuou as aulas desta modalidade esportiva ainda duas vezes por semana. Resolveu acrescentar em sua jornada semanal aulas de voleibol. Concordamos com a programação semanal, desde que seu processo escolar não ficasse prejudicado por falta de tempo, de empenho ou outra justificativa qualquer. Mas, como os frutos não estavam de todo maduros, cuidava-se para que o sol do verão os amadurecessem; assim recebíamos, vez ou outra, sua própria confissão de que os cadernos não estavam tão em ordem, que precisava ter mais vontade para deixá-los em dia...

O Pequeno Valente começara a vivenciar o início de seu terceiro setênio. Para Lanz (1986, p. 50):

Aos catorze anos, o eu nascente provoca no jovem a consciência do seu próprio existir. Ele começa a sentir-se como um eu, e a vivenciar o mundo como um não-eu. (...) O que no jovem de sete a catorze anos era apenas fantasia, transformar-se-á, no adolescente, em criatividade consciente e em perseverança na busca de um ideal.

Percebíamos, desta forma, que o Pequeno Valente buscava um sentido maior para as coisas de seu cotidiano e solicitava, do sistema educativo, ainda que de forma imprecisa, um significado que o fizesse mais atuante e comprometido com a vida. Mas seu questionamento não era irreverente como o de outrora. Sentíamos que trazia um questionamento mais elaborado, mais consciente de si, de sua trajetória pela floresta do aprendizado.

Categorias de Observação

O Domínio da Ação Motora

Os exercícios relativos à sequência ontogenética do movimento passaram a ser realizados em tempo mínimo recorde, ou seja, entre doze e quinze minutos. O Pequeno Valente os fazia com excelente agilidade e começava a se interessar por narrar seu empenho em outras modalidades motoras. A decisão por ingressar no voleibol, a continuidade nas aulas de natação e as atividades no escotismo, traziam-lhe mais conteúdo de vivência e experiências que queria partilhar.

Com relação à motricidade da leitura, embora ainda houvesse sensibilidade nos olhos, passou a gostar mais da ação de ler. Quanto à escrita, a movimentação passou a ser um pouco mais ágil, embora ainda alguém comparando-se a um aluno médio de sétima série. Mas continuava sentindo que dominava outros setores que seus colegas não dominavam.

O Domínio da Expressão Social

Surpreendeu-nos a seriedade com que nosso jovem aluno se empenhou nos ensaios para a encenação da peça de teatro. A apresentação ocorreu próxima ao final do ano, em quatro apresentações na cidade de Campinas, e uma apresentação na cidade de Indaiatuba. A desinibição e a postura enquanto compromisso e interiorização da personagem trouxe-lhe bons frutos, principalmente no sentido de vivenciar – ainda que como ator – algo de um conteúdo que aprendera na escola: escravos, fazendeiros, senzala. Percebemos que sua expressividade recebeu significativa ampliação.

O Domínio da Reflexão: Consciência de Si

Quando vimos o Pequeno Valente trazendo o longo texto que era a peça de teatro à qual estaria ensaiando nos próximos meses, percebemos o quanto ele havia

crescido diante dos desafios da vida! Ao aceitar o compromisso e realizá-lo na íntegra com as ferramentas que tinha, os processos de consciência de si – ainda que pequenos e tênues – mostraram-se como os primeiros grãos que a terra oferecia-nos a colher.

Processos do Andar, do Falar e do Pensar

Neste segundo semestre de 1.999, pudemos observar que o trajeto percorrido pelo Pequeno Valente foi significativamente rico e proveitoso. Realizou as próprias escolhas nos domínios do **Andar**, buscando novas atividades motoras, novos desafios, considerando-os, sempre, um compromisso assumido. Quanto aos domínios do **Falar**, notamos consideráveis vitórias pela expressividade que o fez concretizar o processo de uma encenação teatral, trazendo-lhe a desinibição – que precisou vir através da leitura e da memorização de um texto, além das expressões do próprio corpo.

Da mesma maneira, os ganhos que os domínios do **Pensar** trouxeram-lhe, são a somatória de recursos que o fizeram perceber-se dentro da floresta para desta saber-se sair – de forma trabalhada – pela sequência dos ritmos do tempo. Observamos este aspecto, principalmente quando o notamos questionar determinadas aulas que não lhe traziam uma resposta mais imediata quanto ao uso de seu conteúdo para a vida.

O Pequeno Valente se colocava, desta forma, frente a frente com o sistema educativo, procurando compreender, de igual para igual, o que poderia colher de aprendizado para toda a vida. Neste aspecto, vemos-lo diferente do menino tolhido e receoso quando chegou, que trazia dentro de si a imagem de que a escola e o aprendizado escolar eram monstros e, por isso, impróprios de serem enfrentados.

CAPÍTULO IV

Considerações e Continuidade

Natureza Pródiga

Assim como a semente traz em si a potencialidade para se transformar em uma árvore, também o ser humano tem, dentro de si, as condições básicas para o aprendizado. Para Tafner (1998, p. 2) as pesquisas em neurobiologia têm comprovado a plasticidade do sistema nervoso¹⁴ como sendo uma característica singular desse sistema e que, segundo Kandel apudTafner, 1998, p. 2)

a aprendizagem pode levar a alterações estruturais no cérebro; (...) o mapa cortical de um adulto está sujeito a constantes modificações com base no uso ou atividade de seus caminhos sensoriais periféricos.

De acordo com a caminhada que pudemos realizar com o Pequeno Valente, verificamos o seu despertar para a vida e a valorização por si, que abrangeu os mais diversos espaços a partir de seu corpo: espaços na fala, na expressão, em um pensar mais organizado e coerente, em uma escrita mais compromissada consigo e com o

¹⁴ Plasticidade neural é a propriedade do sistema nervoso que permite o desenvolvimento de alterações estruturais em resposta à experiência, e como adaptação a condições mutantes e a estímulos repetidos, de acordo com Groot citado por Tafner, 1998.

outro, espaços de início de consciência de si. Pela sequência ontogenética do movimento nosso aluno vislumbrou, pela retrospectiva concreta, os caminhos de seu castelo que lhe eram desconhecidos – embora já trilhados – trazendo-lhe a vivência corporal que pôde ecoar em outras esferas.

Passo a passo, verificamos seu processo inicial como um sujeito oculto, ofuscado pelas solicitações escolares, distante de si e do contexto social através de suas falas:

... repeti a primeira série por acharem que nunca ia conseguir ler e escrever. Perdi a vontade e o desejo de estudar. (...) Não entendia aquelas letras e números que se enroscavam no meu cérebro. (...) escrevia trocado e na escola vivia isolado.

E passamos a verificar, gradativamente, um encontro consigo no reconhecimento das dificuldades, que lhe trouxe o início de um Eu em resgate, cujos registros observamos através de suas produções poéticas ¹⁵

Escrevo numa folha de papel
Toda minha imaginação
Mas não posso acompanhar
o meu olho com a minha mão.
(...)
Antes, com meus olhos tampados,
o mundo não podia enxergar...

O encontro consigo mesmo começa a lhe dar, simultaneamente, mais consciência diante do mundo,

Eu não suporto esse ruído,
o som da motoserra no meu ouvido,
e o grito da Mãe Natureza
que vai perdendo toda beleza.

¹⁵ Textos do aluno ao longo de sua trajetória conosco, citados em Anexos.

a ampliação dos horizontes observando a ganância do homem em detrimento à saúde do planeta:

Eu não suporto esse pranto
dos rios que carregam em seu manto,
o que causou a ambição dos humanos.

Eu não consigo respirar,
o oxigênio está a me faltar.
Há fumaça e gases nocivos por todo o lugar.
Ah! Meu Deus! O que faremos
para isso tudo acabar?

a consciência social que vai além de uma necessidade própria, única, individual,

Também sou meio ambiente,
sou choro, sou grito, sou gente.
Quero voltar a viver contente,
Plantando e cuidando de novas sementes.

Este jovem, em sua caminhada pela densa floresta que o mundo escolar lhe tinha sido, mostrou-nos que para chegar a uma clareira e, até mesmo para tentar sair da própria floresta, precisou resgatar o processo da aprendizagem pela motricidade através da ontogenia do movimento; pudemos acompanhar, em sua trajetória, o quanto estes aspectos de maior domínio e conhecimento corporal podem apresentar condições de erguer a expressividade e a ação diante da vida.

Desta forma, o jovem começa a se apresentar ao mundo, assumindo sua própria história,

E o menino que não sabia escrever,
Começa a declamar.
Seus rabiscos no caderno,
viraram desenho.
Suas poesias,
viraram canção.
E assim, espera que sua história
sirva de exemplo
para qualquer cidadão.

Para Picq & Vayer(1977, p. 18), existe uma significativa influência das condições do aparelho motor sobre o comportamento geral da criança, pois, consideram que um equilíbrio correto seja a base de toda a coordenação dinâmica geral. Para estes pesquisadores, quanto mais inapto for o equilíbrio, mais energia consumirá do próprio organismo, gerando uma luta constante, que produzirá estados de fadiga e distração.

De maneira semelhante, Zöller apud Maturana-Zolër (1.994, p. 143-44) afirma que a criança adquire consciência social e de si somente enquanto cresce em consciência operacional de sua corporalidade, e que a percepção que temos do mundo em que vivemos é operacionalmente uma expansão de nossa consciência corporal; menciona, também, que os domínios de ação surgem enquanto realizamos nossa corporalidade através das coordenações sensório-motoras.

Embora consideremos que nosso aluno esteja com a sua motricidade mais trabalhada e percebida, não definimos este trabalho como concluído ou como o único caminho a ser tomado. Vemos, antes, que o ser humano deve ser visto como um todo abrangente, podendo percorrer diversos rumos no processo da aprendizagem; estes, a nosso ver, buscam ancorar-se no corpo físico enquanto elemento primordial para a sequência de novas descobertas. Consoante com nossas idéias, Pereira (1997, p. 22) afirma que

a motricidade em primeira instância é o meio de relação sujeito/mundo. O resultado satisfatório dessa relação só será possível por meio das ações corporais que frutifiquem em evoluções motoras, intelectuais e sociais.

Desta forma, pudemos verificar, ao longo deste acompanhamento longitudinal, que este trabalho esteve permeado pela presença da integridade que se

efetuiu pela Reorganização Neurofuncional, buscando trazer os processos de domínio corporal, expressão social e consciência de si, cujas categorias de observação registraram etapas integrativas que iam se sobrepondo a cada momento, a cada descoberta, a cada raio de ação. Para Paz (1.976, p. 53),

... o poema traça uma linha divisória que separa o instante privilegiado da corrente temporal (...) Esse instante é ungido com uma luz especial; (...) esse tempo está vivo, é um instante pleno de toda a sua particularidade irreduzível e é perpetuamente susceptível de repetir-se em outro instante, de reengendrar-se e iluminar com sua luz novos instantes, novas experiências.

Verificamos, com os registros poéticos do Pequeno Valente, algo de sublime e compacto, paradoxalmente exposto a ser e sentir como um Eu e como um outro, na busca de se expressar por esse instante, nascido de si:

A terra, o céu, o mar,
vejo o Monte Pascoal,
e me encanto com o luar.
As pessoas que vêm brilhando,
a vida a exaltar.

Agora não sou mais português,
meu sangue luzitano
atravessou o mar,
com as folhas das árvores
as águas dos rios e a
música que veio me enfeitiçar.

Do fundo da mata
às raízes do chão,
o meu coração de novo se formou.
Então, um índio virei.
Com a vida e com a morte hoje eu sei
que o povo tupi é o verdadeiro rei.

Às Margens do Rio

A floresta já não era mais aquela mata densa e enigmática que se apresentara ao início. Assemelhava-se a um bosque, em cuja clareira árvores centenárias se erguiam, permitindo que o solo fosse coberto por tenra relva e os troncos voltados para o sul, por uma cobertura de musgo que aveludava o olhar e o tocar de quem por ali passasse.

O Pequeno Valente, trazendo ares de conquista nos olhos, caminhava pelo espaço oferecido pela natureza, buscando novas descobertas, novos caminhos. Seu andar era mais confiante que outrora, às vezes por demasiado ousado, mas trazia as características da idade que surgem a cada ato de descoberta.

Ouvindo o murmúrio de um regato, procurou se aproximar do som. Os pés – que pisavam um solo já não mais pedregoso e árido, mas coberto pela relva tecida pelos guardiões do sereno – começaram a sentir a umidade característica pela aproximação das águas. Pouco mais adiante, ao norte – já se localizava perfeitamente quanto aos pontos cardeais – vislumbrou o pequeno rio que vinha de um percurso distante, inseguro e rápido, traçando as margens com uma força pueril. Vinha do

norte e, naquela altura, dirigia-se para o leste ampliado pelas margens que cediam pelo solo e pelo vento. Aproximando-se mais, tocou com os pés as águas douradas. Pelo ondular desse movimento começou a ouvir a voz da anciã do tempo e, pela primeira vez, viu-lhe o semblante de luz: a sabedoria suprema, tecelã do núcleo primordial da vida

- Todos os rios dão para o mar. Nasce-se no veio da terra e se caminha a se tecer margens, a se abrir espaços, desenhando em si a existência da própria natureza. Tiveste um difícil percurso, Pequeno Valente, quase que te perdeste pela desistência do andar, mas não sabias que tua conquista seria pelo ato primordial. Agora já o sabes e começarás a navegar, pois tens um barco, bússola e remos; já sabes como usá-los.

Não estás de todo pronto. Estás em processo de continuidade diante da vida, diante do cosmos. Tens ainda muito o que conhecer, o que buscar de dentro de ti. Não podes te esquecer dos teus sentidos. Eles são as tuas portas e janelas para te conheceres na descoberta do mundo.

Saibas, também, que com a Geografia conhecerás deste planeta que te abriga, das preciosidades e das carências e poderás compreender por que os homens delimitam fronteiras, lutando por espaços e brigando pelas posses. Com a História, saberás o quanto isto tudo aconteceu no tempo e as marcas que trouxeram nos povos e na vida do planeta. Já as Ciências físicas, químicas e biológicas te explicarão sobre os reinos e as vidas, e te acharás dentro deles por seres um filho da Natureza. Com a Matemática saberás sair dos conflitos, pois,

alargarás os caminhos dos raciocínios e saberás medir todas as coisas que se apresentarem em tua jornada.

Aprendendo os idiomas poderás compreender mais aos homens e a toda a humanidade; na lógica da gramática de cada povo está a sua forma de pensar, de enxergar a vida e o mundo. Já pensaste que em tua língua materna o substantivo vem antes do adjetivo? E que o que importa mais, então, é a substância e depois a qualidade? Verifique como acontece diferente com o idioma inglês, onde a qualidade antecede a substância. Que diferença faz? Descubra, pela gramática, as ordens e os valores de cada povo.

Convido-te, agora, a partilhares da revelação de um segredo:

Foste para além das sete montanhas, para além dos sete lagos e chegaste no centro desta clareira. Trilhaste este caminho passando pelos teus sentidos: tocaste as essências e, com isto, percebeste tua vitalidade e o movimento próprio que te trouxe mais equilíbrio. Sentiste os sabores ácidos e os alegres que te fizeram aspirar em busca de cada vez mais vida. Trouxeste o teu olhar atento procurando discernir os espinhos, das flores; ouviste o canto dos pássaros e o rumor do arvoredo que vibrava com o vento e levava notícias no tempo. Percebeste o calor em ti, e a lembrança do frio te deu a nostalgia transformada em alegria. Em dado momento, como uma força de ação que brotou de dentro, quiseste e pudeste trazer a palavra! Esta veio, depois, em versos, acompanhada pelo teu coração pensante, fruto de teu próprio querer.

Estás, agora, a poucos passos de um imenso tesouro: Tu, diante de Ti, enxergam o teu Próximo! Este espelho, que se reflete infinitamente em ecos por todas as eras e todos os tempos, te diz, enfim, que nunca saíste de teu castelo. A floresta, que pensavas estar para além de teu jardim encantado, estava toda dentro de ti!

Pegue teu barco, Pequeno Valente, entre neste rio e navegue por ele nesta continuidade de vida. Mas nunca te esqueças do corpo, da motricidade que te ampara, te forma e te mantém. É ela que fará com que teu barco esteja sempre pronto ao longo desta jornada. Cuide bem de tua bússola, os sentidos que te guiam e te orientam; mas não te esqueças de que estes não são apenas cinco... São tão infinitos como os pontos de luz desta mortalha que vês, tecida por ti, diante do tempo:

O Sistema Neurológico, essa construção sagrada e perfeita que se edifica dia após dia dentro de ti, formando o teu próprio Castelo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENDER, L. Realçando o pioneirismo na compreensão dos distúrbios de linguagem. São Paulo : Associação Brasileira de Dislexia, [s/d].

CINIMO, E. Dos pés à cabeça: diálogo com Beatriz Padovan. Chão e Gente, n.28, p.9-10, set. 1997.

DANTAS, H.; LA TRAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo : Summus, 1992.

DELACATO, C. H. O diagnóstico e tratamento dos problemas de fala e leitura: Centro de Reabilitação Nossa Senhora da Glória. Rio de Janeiro, 1966.

DORETTO, D. Fisiopatologia clínica do sistema nervoso. Rio de Janeiro : Atheneu, 1989.

ERHART, E. A. Neuranatomia simplificada. 6. ed. São Paulo : Roca, 1986.

FONSECA, V. Da filogênese à ontogênese da motricidade. Porto Alegre : Artes Médicas, 1988.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo : Atlas , 1996.

GREUEL, M. V. A obra de Rudolf Steiner. São Paulo : Antroposófica, 1994.

GULLO, C.; PEREIRA, C.; FREITAS JR., O. A descoberta do cérebro. Isto É, n. 1362, p. 118-123, nov.1995.

- HOLLE, B. **Desenvolvimento motor na criança normal e retardada**. São Paulo : Manole, 1976.
- KÖNIG, K. **Os três primeiros anos da criança**. São Paulo : Antroposófica, 1985.
- LANZ, R. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo : Antroposófica, 1986.
- LE BOULCH, J. A **Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1983.
- LENT, R. Nossos dois cérebros diferentes. **Ciência Hoje**, v.16, n. 94, p.42-49, set./out1993.
- LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. S.Paulo : Ed. da Univ. de São Paulo, 1981.
- MARCO, A. de. Stress no desenvolvimento da criança. **Corpoconsciência**, Santo André, n. 0, p. 25-35, 1997.
- MATURANA, H. R.; ZÖLLER, G. V. **Amor y juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia**. Santiago : Editorial Instituto de Terapia Cognitiva, 1994.
- PAZ, O. **Signos em rotação**. SãoPaulo : Perspectiva, 1976.
- PEREIRA, J. P. M. **Desenvolvimento da consciência corporal: uma experiência da Educação Física na idade pré-escolar**. Campinas: Unicamp Campinas, 1997.
- PESSOA, F. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- PETTA, R. Mnemotécnica. **Superinteressante**, São Paulo, p. 25-30, nov.1996.

- SPRINGER, S. P. **Cérebro esquerdo e cérebro direito**. São Paulo : Summus, 1998.
- STEINER, R. **Andar, falar, pensar**. São Paulo : Antroposófica, 1994.
- TAFNER, M. A.; TAFNER, J.; FISCHER, J. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Curitiba : Juruá, 1999.
- _____. A Plasticidade Neuronal; **Cérebro e Mente**, Campinas,p.2-5. mar/maio,1998. [online] 20-04-00 Available from world wide web:<URL: <http://www.epub.org.br/cm/n05/tecnologia/plasticidade.htm>
- VAYER, P.; PICQ, L. **Educacion psicomotriz y retraso mental**: aplicación a los diversos tipos de inadaptación. Barcelona : Editorial Científico-Médica, 1977.

BIBLIOGRAFIA

AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil**. São Paulo : Masson : Atheneu, [s/d].

CHANGEUX, J. P. **O homem neuronal**. Lisboa : Dom Quixote, 1991.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**: filogênese, ontogênese e retrogênese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo : Scipione, 1989

FURLAN, V. I. **Uma nova suavidade e profundidade...** o despertar transpessoal e a (re) educação. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, 1998.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre : Artes Médicas, 1982

LEDOUX, J. **O cérebro emocional**. Rio de Janeiro : Objetiva, 1998.

MACHADO, A. **Neuroanatomia funcional**. São Paulo : Atheneu, 1993.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo : Summus, 1989.

PADOVAN, B. A. C. Reorganização neurológica. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 3, n.17, p.13-21, 1994.

_____. **Reorganização Neurofuncional**. [online] 12-07-99 Available from world wide web: <URL: <http://www.padovan.pro.br/metodo.htm> >.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psiquê**. São Paulo : Martins Fontes, 1980.

STEINER, R. **A prática pedagógica**. São Paulo : Antroposófica, 2000.

STEINER, R.. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**. São Paulo : Antroposófica, 1999.

WILBER, K. **A consciência sem fronteiras: pontos de vista do Oriente e do Ocidente sobre o crescimento pessoal**. São Paulo : Cultrix, 1979.

Roteiro de Entrevista semi-estruturada com o aluno

Data da avaliação:

___/___/___

Qual o seu nome?

Qual a sua data de nascimento?

Você tem irmãos? Qual é o nome e a idade deles?

O nome de seu pai e a profissão dele.

O nome de sua mãe e a profissão dela.

Qual é o seu endereço e o número do telefone?

O que você mais gosta de fazer?

Você pensa em fazer o que quando for adulto?

Você tem muitos amigos?

O que você faz durante o dia?

Você gosta da escola onde estuda? Conte um pouco como é lá.

Se você pudesse mudar alguma coisa na sua escola, o que mudaria?

Que tipo de coisa lhe chateia muito?

Você gosta de ficar em casa?

Você passa mais tempo em casa ou fora dela?

Observação: este roteiro não é rígido nem limitado; busca pautar o início da entrevista, visando obter dados do aluno sob seu ângulo de visão em relação ao ambiente que o circunda. Assim, através de uma resposta é possível que se origine uma pergunta que não estava programada.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Poesias

Alicita

(Maria Alice Penna Azevedo)

De onde vieste,
Óh anjo celeste,
Que um dia trouxeste
Em teu meigo olhar,
O azul mais profundo,
O azul de outro mundo,
O azul lá do fundo,
Das águas do mar?

Que ser misterioso,
Deu-te o Luminoso,
Sorriso radioso,
De tanto esplendor!
No lar que alegraste,
Qual jóia enfeitaste,
Prá sempre ganhaste,
Teu trono de amor.

Óh! Deus de clemência,
Virtude e potência,
Conserve a inocência
Deste meigo olhar.
Não deixes que a jaça,
Que o diamante embaça,
Um dia lhe faça,
O brilho turvar.

Conserve este riso,
Que é o meu paraíso,
E o claro sorriso
Que encanta e seduz,
E pela vida à fora
Seus dons aprimora,
Transforma esta aurora,
Num raio de luz.

Acredite

(autor desconhecido)

Acredite, firmemente,
no seu gênio criador
na força ativa da mente,
nas maravilhas do amor.

Quem recebe de nascença,
uma cabeça que pensa,
um coração para amar,
é feliz por toda a vida,
tem as riquezas garantidas,
tem tudo o que desejar.

O Cisne

(Maria Alice Penna Azevedo)

O cisne desliza
na água tão lisa
levado na brisa
qual barco a vogar...
o cisne é brancura,
esplêndida alvura,
tão clara e tão pura,
que dói ao olhar!

O cisne é beleza
é pluma, é macieza,
é nuvem, leveza,
etérea a boiar!
O cisne é garboso,
esbelto, sedoso,
parece leitoso,
raio de luar!

O cisne é poesia,
é jóia, magia,
perfume e alegria,
aquática flor!
é tranquilidade,
é felicidade,
é fidelidade,
eterna no amor!

E o cisne passando,
sereno nadando,
vai n'água traçando
um vago tremor...
E após a passagem
da branca plumagem
só fica na aragem
um rastro de alvor!

Barcarola

(autor desconhecido)

Soltas as velas ao vento,
vai a jangada a largar...
e o pescador vai cantando,
doces cantigas ao mar.

Não ande muito ligeiro,
que as ondas ficam zangadas,
elas, assim, não tem tempo,
para afagar a jangada.

Pescador não sente medo,
o mar é o espelho dos céus.
É Deus quem sopra as velas,
prá vencer os escarcéus.

O Livro da Vida

(Maria Alice Penna Azevedo)

O livro da nossa vida
é um livro diferente
que uma só vez se lê,
que uma vez só se sente!

É um livro que não se abre
na página que queremos
o final... nunca se sabe!
voltar atrás... não podemos!

O livro da nossa vida
é um livro de surpresa
tem páginas de alegria,
tem páginas de tristeza!

O livro da nossa vida
é um livro de aventura,
cheio de luta e coragem,
cheio de risco e bravura!

O livro da nossa vida
é um livro de emoção
ora sacode os sentidos,
ora fala ao coração!

É preciso preparar-se
para esse livro bem ler,
é o mais emocionante,
romance, você vai ver!

Você, que está no começo,
no capítulo perfeito
da infância e da adolescência,
leia este livro direito!

Leia-o com todo o entusiasmo,
saboreie devagar...
não desperdice uma linha,
desta leitura sem par!

Cuidado! A página lida
virou... não volta jamais!
O grande livro da vida
lê-se uma vez... nada mais!

Marinheiro

(Verônica Paternost)

Marinheiro, marinheiro,
sai do mar e vem prá terra,
vem trazer a tua pesca,
vem mostrar o que é que há.
Marinheiro, marinheiro,
venha logo aportar.
Venha descobrir contente
a semente do nascer,
venha descobrir com a gente
o segredo de vencer... e de tecer!

Devagar e Sempre

(Maria Alice Penna Azevedo)

Quando via algum aluno
estudar muito depressa
um bom professor dizia,
"Devagar que eu tenho pressa! "

Um tijolo em cima d'outro
e a maior torre é elevada,
um ponto ao lado do outro
e a maior tela é bordada.

Um passo depois do outro
toda a distância é vencida
um fio cruzando o outro
toda fazenda é tecida.

Assim fizeram os rios
que por milênios avançam
cavando insistentemente
os leitos onde descansam.

Por isso não deixe nunca
uma obra começada
por mais difícil que seja
será um dia acabada.

Os piores obstáculos
são possíveis de vencer
e o mais tenaz inimigo
acabará por ceder!

somente um degrau por dia,
por dia um só passo certo
e o ideal vem chegando
cada vez mais para perto!

O que você mais temia
será, afinal, vencido!
E o que você mais queria
será, por fim, conseguido!

O Achado

(Wolfgang Goethe)

Andei pelos bosques, assim por andar,
nem mesmo pensando, o que procurar.
Um olhino aceso, nas sombras, eu vi...
era a flor mais bela que brilhava ali.

Tentei arrancá-la, mas ela dizia,
que eu não a levasse, que ela morreria:
" Então eu sou colhida prá depois murchar? "
E eu docemente, me pus a cavar.

Com suas raízes, as mais delicadas,
tirei a plantinha, de luz orvalhada.
E no meu jardim, onde agora cresce,
ela sempre vive e sempre refloresce.

A Estrada e o Violeiro

(Sidey Miller)

(...)

Eu que já corri o mundo
cavalcando a terra nua
tenho um peito mais profundo
e a visão maior que a sua
muita coisa tenho visto
nos lugares onde eu passo,
mas cantando agora insisto
nesse aviso que ora faço
não existe um só compasso
prá contar o que eu assisto.

(...)

Guarde sempre na lembrança
que essa estrada não é sua,
sua vista pouco alcança,
mas a terra continua.
Segue em frente, violeiro,
que eu lhe dou a garantia
de que alguém passou primeiro
na procura da alegria
pois quem anda noite e dia,
sempre encontra um companheiro.

"Minha estrada, meu caminho,
me responda, de repente,
se eu aqui não vou sozinho,
quem vai lá na minha frente?"

Tanta gente, tão ligeiro,
que eu até perdi a conta,
mas lhe afirmo, violeiro,
fora a dor, que a dor não conta,
fora a morte, quando encontra,
vai na frente um povo inteiro!

Mãos

(Maria Alice Penna Azevedo)

Mãos que abençoam
e fazem o bem,
Mãos que trabalham
e não se detêm,
Mãos que, amorosas,
os fracos amparam,
Mãos, sim, que rezam,
que sempre rezaram,
Mãos que se elevam,
num gesto profundo,
É destas mãos
que precisa o mundo.

A Brisa

(Fagundes Varela)

A brisa, fagueira,
na beira da praia,
soprava, ligeira,
por sobre Altaneira,
esguia palmeira
que alegre ensaiava,
ruidoso compasso,
com o leque das palmas.

Um dia qualquer

(Denise Emmer)

Quando o sol, de novo,
vir nascendo lentamente,
erguendo entre as colinas,
igual a uma semente,
fruto doce da manhã,
transformando em dia
este fim da noite
quieta, calma e um pouco fria.

Enquanto o sol correr
de um a outro horizonte,
enriquecendo a terra,
dissolvendo água prá fonte,
que foi nuvem, chuva, céu,
rio, correnteza,
adubando o chão,
brotando a vida, natureza.

Quando o sol nascer
que acordem
homens melhorados
sem rancor, cobiça,
preconceitos ou pecados,
prá na hora que o sol se por
dormirem em paz
sabendo que o dia não foi
só um dia a mais.

A boa palavra

(Franz Nabl- Trad. Ruth Salles)

Se uma boa palavra tens nos lábios,
não deixes que se calem simplesmente.
O olhar que hoje implora teu amparo
pode amanhã cerrar-se para sempre.

Uma boa palavra é como a brisa
que em tórido verão soprando vem.
Os que estão fatigados se aliviam
em seu duro caminho, e tu também.

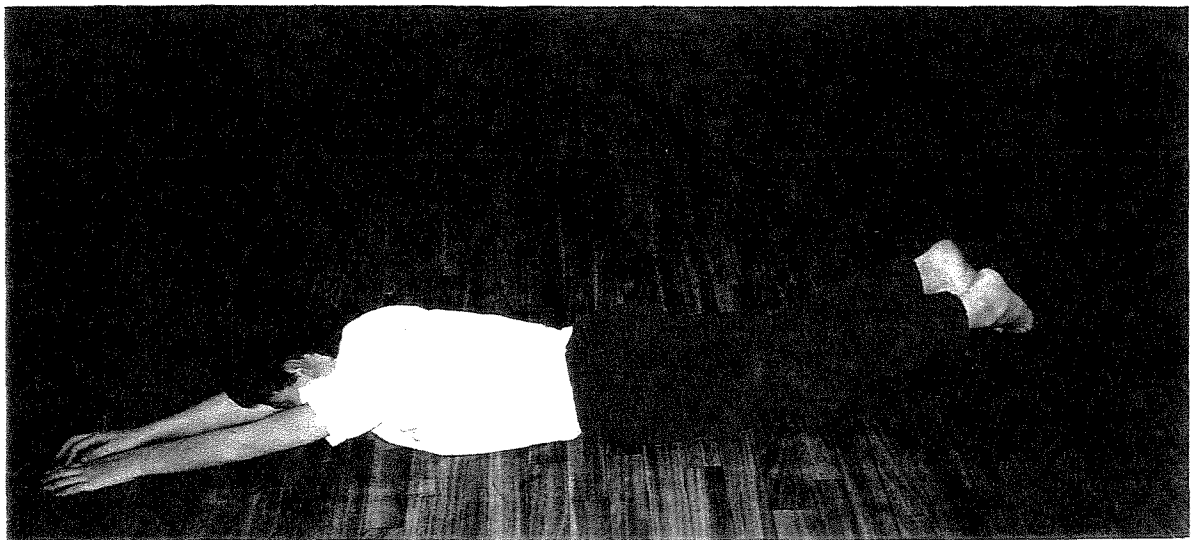
(...)



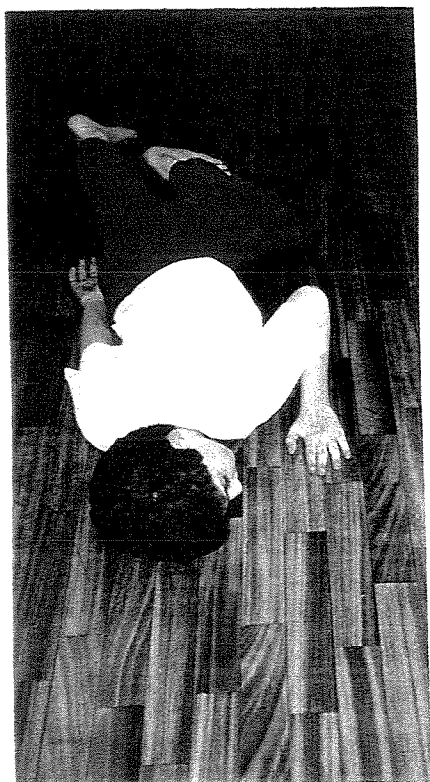
Padronização Homolateral



Padronização Cruzada



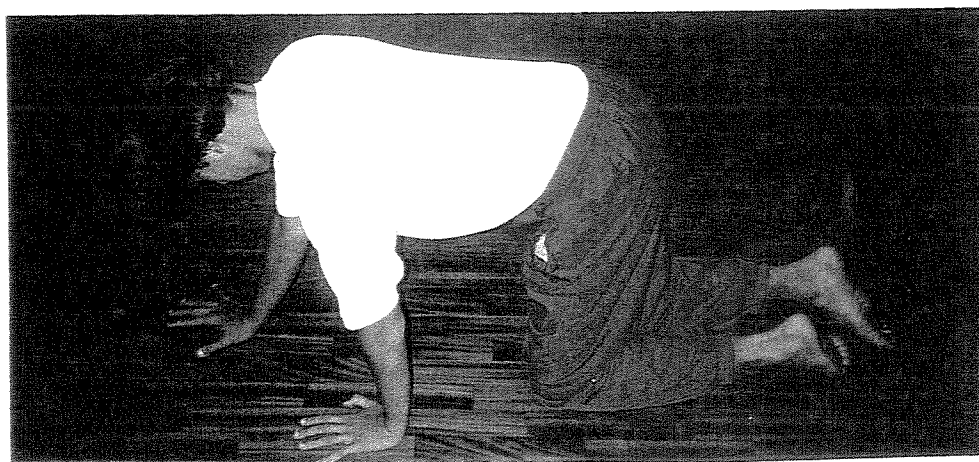
Rolar



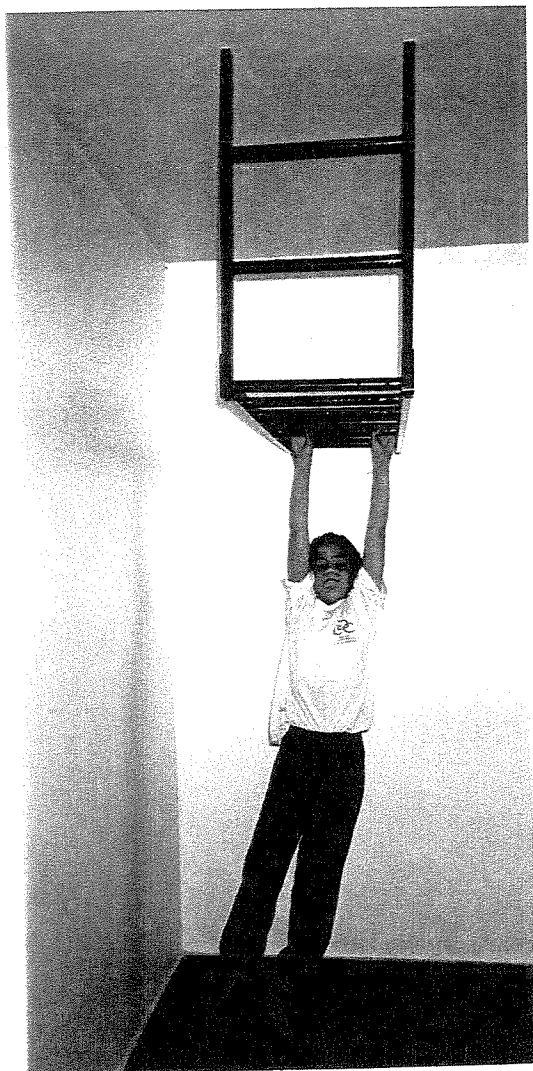
Rastejar Homolateral



Rastejar cruzado



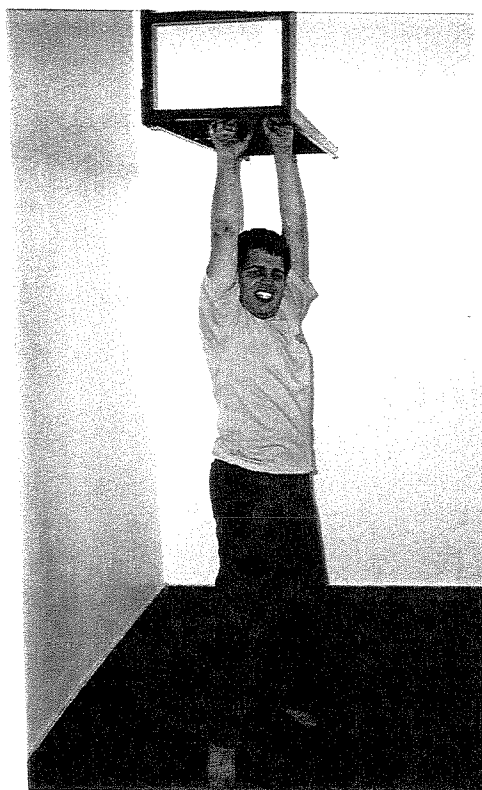
Engatinhar



Escada



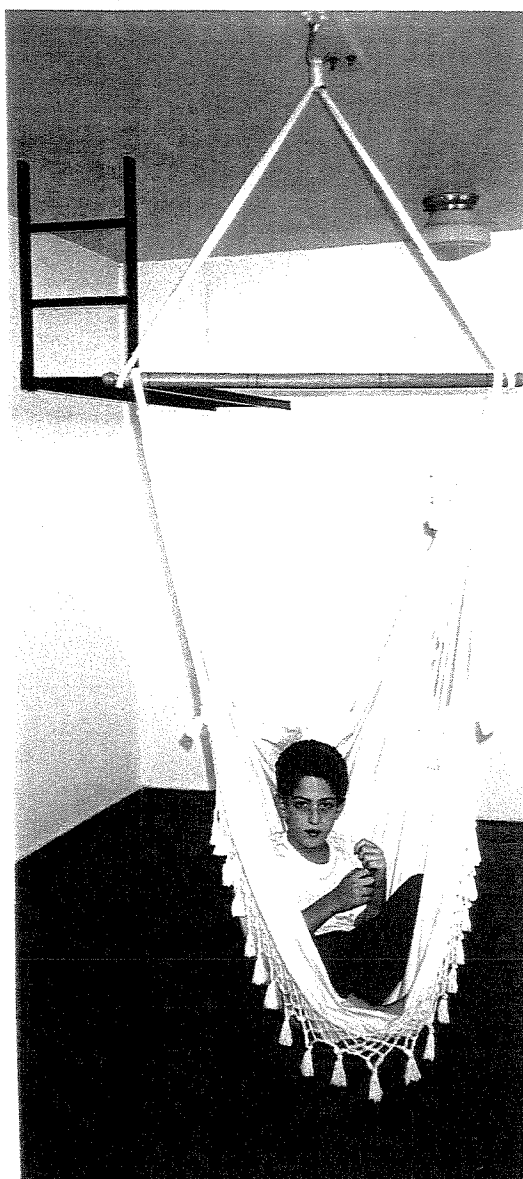
Macaco



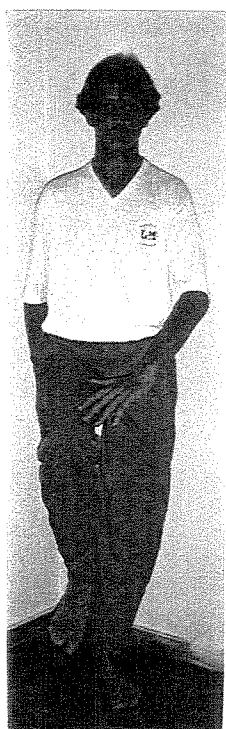
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE



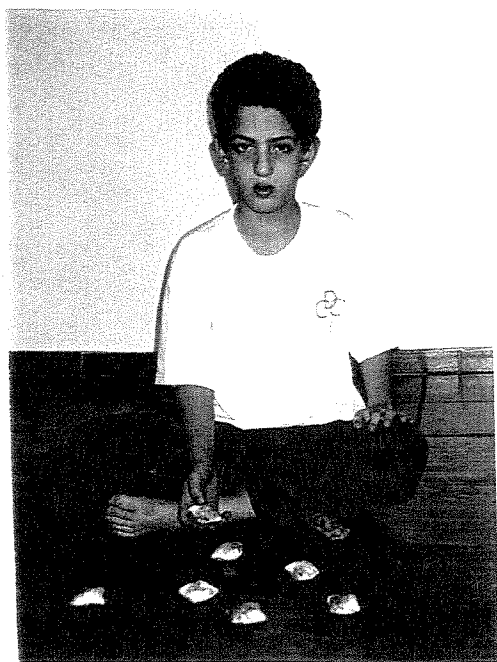
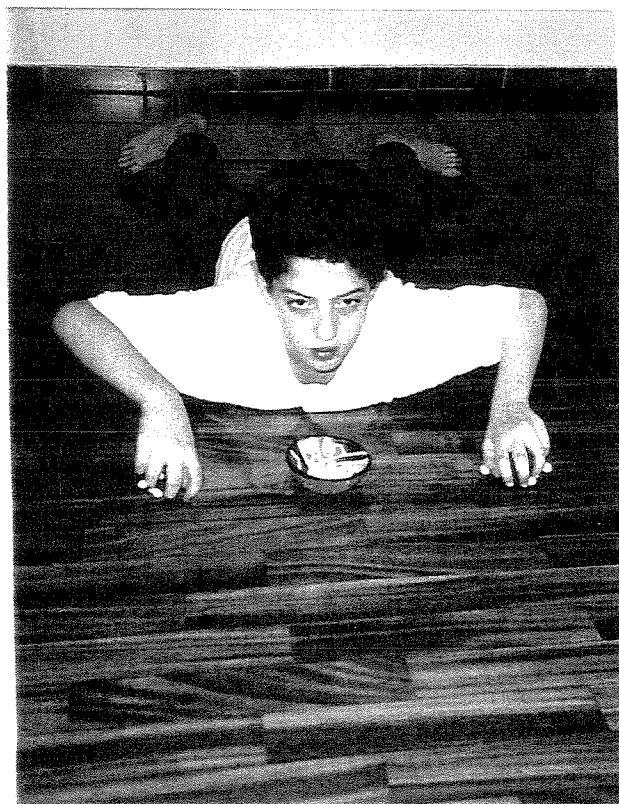
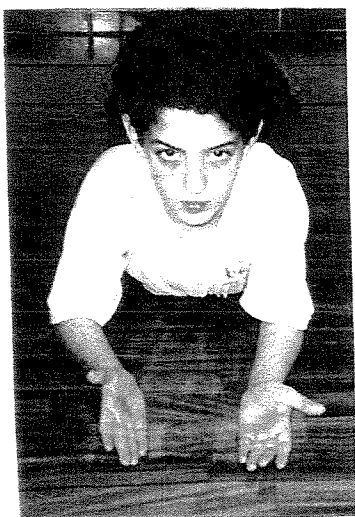
Corda



Rede



Marcha em padrão cruzado



Mãos

Texto utilizado para leitura na avaliação com o aluno

Frei João sem Cuidados

Frei João era um frade muito caridoso e simples. Como dava muitas esmolas, era estimado por toda a gente que o chamava “Frei João sem Cuidados”.

Uma vez o rei passou pela terra em que morava Frei João e ficou sabendo da tranquilidade em que vivia o frade. Mandou um criado dizer a ele que no outro dia viesse procurá-lo para responder a três perguntas:

– Onde é o meio do mundo? Quanto pesa a lua? Em que pensa o rei?

O frade ficou desesperado e passou a noite estudando. Pela manhã, um pastor que trabalhava para ele veio vê-lo e, sabendo do caso, ofereceu-se para substituí-lo junto ao rei. Frei João aceitou e o pastor, vestido de frade, foi ao palácio. O rei, cercado de amigos, perguntou:

– Onde é o meio do mundo?

– O meio do mundo fica onde está o rei, meu senhor.

– Por que?

– O mundo é redondo, portanto qualquer lugar é o meio!

– Bem respondido. Quanto pesa a lua?

– Pesa uma libra porque se divide em quatro quartos: minguante, nova, crescente e cheia.

– Respondeu bem. Em que pensa o rei?

– O rei, meu senhor, está pensando que eu sou o Frei João sem Cuidados e eu sou apenas o seu pastor!

O rei achou muita graça no desembaraço do pastor, recompensou-o e deixou Frei João sem Cuidados em paz.

(Adaptado de Luís Câmara Cascudo
Contos tradicionais do Brasil Rio de Janeiro, Ed. de Ouro).

Compreensão da leitura por parte do aluno:

O rei foi onde que o frade que estava, e o frade tão tranquilo nem prestou atenção que ele estava lá. Aí o pastor foi lá com o rei e o rei falou que ele estava com um monte de amigos, e foi o que eu entendi.

TEXTOS produzidos pelo aluno

GERMINANDO : Primeiro Semestre de 1998

3- Complete :

O mais importante no mundo é ajudar quem está precisando mas isso só quando a gente sabe que está precisando. Um dia, sabe o que eu vi? Um ~~apollon~~ ~~de~~ ~~forçada~~ ~~do~~ ~~mundinho~~ e não era só isso! Tinha também a cara de ~~primo~~ ~~de~~ ~~força~~ ~~usa~~. Mas não! Aprendi que o verdadeiro amigo é aquele que ~~ajuda~~ ~~a~~ ~~gente~~ ~~e~~ ~~que~~ ~~quer~~ ~~nas~~ ~~atras~~ ~~do~~ ~~traz~~ ~~o~~ ~~sentir~~ - VI

4- Redação: $1m^2/732$ campo sem homem - 1
que quase consegue libertar o estado de
Portugal.

El Tiempo se pregunta a atacar a gubernos
de intermedios

Ele foi uma guerra mas ele gerou
paz e a governação do estado.

Proposta: Certa vez, um jovem muito corajoso realizou uma ação que pôde salvar a vida de você e de seus amigos, que se encontravam em uma viagem. Conte como foi.

foquete ficou ali e deixou cair um armário

12 13 14 15 16 17 18 19
helicóptero está quebrado porque colocou motor na geladeira
avião caiu encerra-se uma tremona.

meu pai deixou a geladeira encima do eletrodoméstico
porque estava quebrado

eu caí do helicóptero e fui quebrado para
a aula de Terceira

1) O foquete foi ao céu e deixou cair um armário

hipótese: construir frases a partir das palavras dadas:

foquete / céu / armário / helicóptero / quebrado / motor / geladeira / avião / terceira.

8 do 4 de 1798

Complacência de fazer

O jogo de bola na rua é bom porque...
O que eu mais gosto é jogar de bola de gude com meus
amigos, admito, mas é legal a bola na rua é bom porque
é legal ver uma bolinha rolando no chão tentando
acertar ou tra bolinha que está no chão

nadar por bilita, na perreço ganhar muita velocidade
nadar e jogar porque é muita velocidade sem tra de perreço
e essa velocidade por bilita muito na perreço ganhar
muita velocidade e ter a vantagem de ter
conheça por quase todo o perreço

1 Curmuda

Junho
98

2 que foi feita por mim

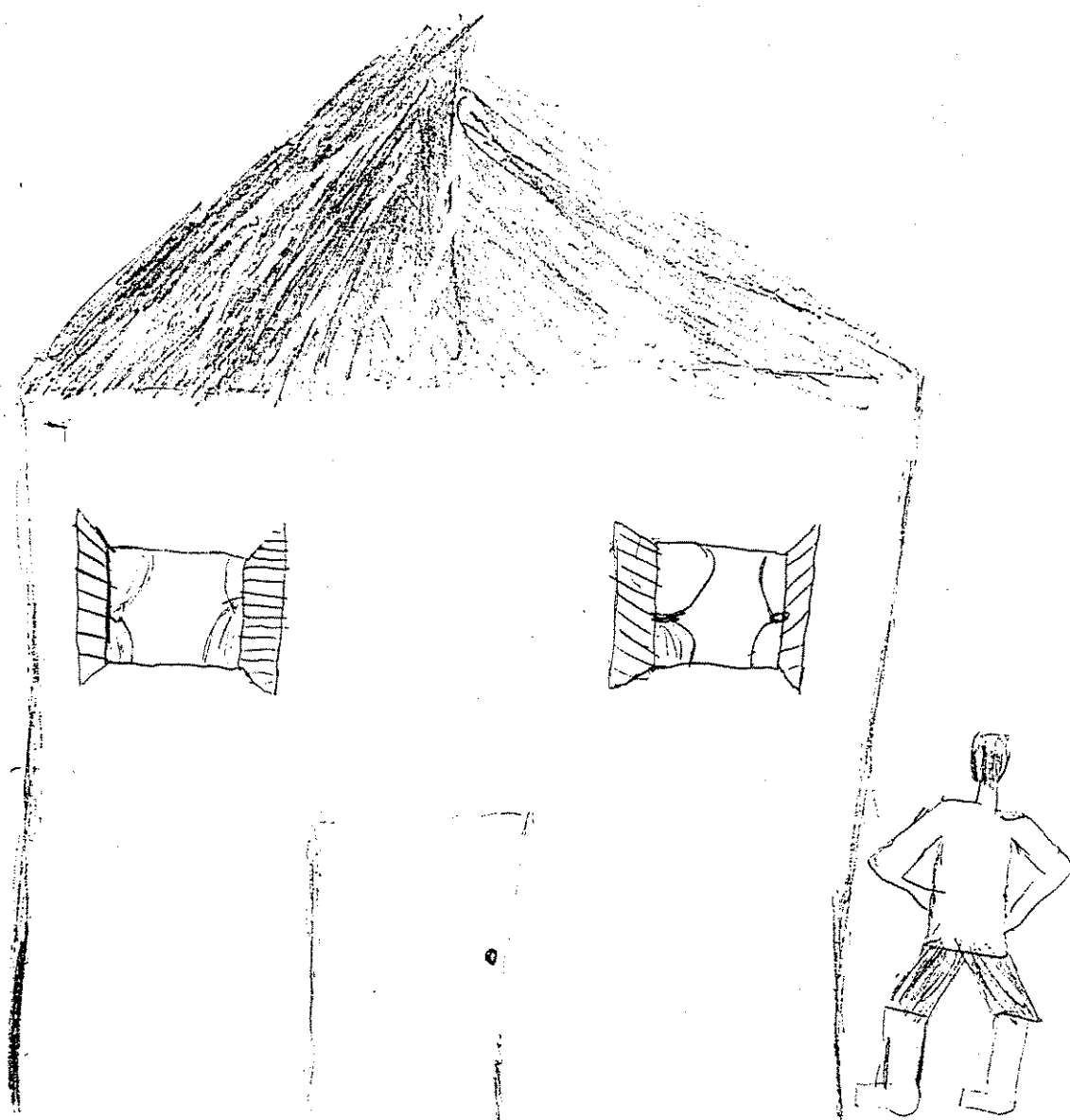
3 para frente

4 mais ninguém

5 sim porque mais tem ninguém para conversar

6 de vez em quando ser outra companhia

7 que ele encontre seu par



FLORESCENDO : Segundo Semestre de 1998

19/6/98
total/te espontânea

A primavera

É a época mais bela do ano
O ar floresce abrimos todos
Algo de especial acontece
~~nas~~ flores, nas árvores, nos campos

Barboletas voam e dançam
Cada qual com sua cor
Elas enfeitam e coloram
É tanta beleza que toda a tristeza desaparece
Quando o sol se põe e a lua vem

Quando o sol se põe e a lua vem
Quando o dobrado do sol se
se tingem as folhas do luar
que está na linha do horizonte

A beleza das flores mesmo no escuro de noite
sempre se cantam as vagalumes.
O sol que nasce emite o calor da manhã
fazendo iluminar o ar e a face da terra

Seu Ratinho:

Seu Fabiano, tenho 13 anos, estou na 5^a série,

Minha vida escolar foi muito ruim
já na pré-apresentava grandes dificuldades.

Repeti a 1^a série por não conseguirem
que meu ~~nome~~ conseguir ler e escrever.
Perdi a vontade e o desejo de estudar.

Na 2^a, 3^a série foi pior ainda...
não entendia aquelas letras e números
que se entrecruzavam no meu cérebro
e repeti a terceira série.

Na quarta série melhorei bastante
por descobrir que era dislexia

com a dislexia não decorava palavras
Errei na escola muito isolado
quando comecei a fazer a Reorganização Neurológica
Com a professora Wianica, comecei a despertar
meu interesse pela escola.

Fui para a 5^a série com um voto de confiança.
Essa escola realmente me acolheu! Os professores
começaram a me compreender, eu a compreender.
Comecei a desenvolver um interesse por escrever poesia.
e temas que aprendo na escola, vou escrever.
Foi assim com as aulas, eu escrevo, apunhevo
manter a memória e a poesia contando da minha vida.

CAPITULO II

quanto mais camoai

Deaguaru, um tro-palho
vamo.

Um curvoso erem.

com aresse, e mado mado
cultura se fute e con elan mado

Pordeino imundo qe deo
e mudo, e mudo, e mudo



CAPITULO I

Dele luan depois qua

grande endoicaca de luan

moa. e mado mado mado

Dele oia luan mado

Dele oia luan mado



FRUTIFICANDO : Primeiro Semestre de 1999

Homens de nervos de aço
 que vivem sua vida
 a sustentar sua família
 Com seu trabalho fazem aquilo que fazem

Eles trabalham em um lugar adiante
 que por causa de um pouco
 acaba cantada a gente
 Eles são os velhos do mundo
 pois que vão tirar o coração
 Pólvora fumaça no.

Homens de nervos de aço
 que vivem sua vida
 Para sustentar suas famílias
 Com seu trabalho que faz quem
 o fogo que a vida traz

Eles trabalham em um lugar adiante
 que a vida de um a vida com aquilo
 pólvora fumaça
 Eles são os velhos do mundo
 pois eles tiram o coração
 Com sua própria mão

Produz pólvora e espontânea a partir do
 Tema trabalhado em texto.

26/4/1999

Escrevo numa folha de papel
Toda a minha imaginação
mas não posso acompanhar
o meu olho com a minha mão

por isso é em cima da mão
tenho medo de fazer a lição
ou de escrever uma carta
o um belo poema
por pensar que ser disléxico
é um grande problema

Quando disse meus olhos
diz o ortógrafo para
para deixar a carta
agora a que se escreve

Eu sinto como meus
os meus olhos tapados
o mundo não podia chegar
mas quando a voz me diz
que eu era uma estrela
eu era eu era brilha
eu não conseguia e
começava a gargalhar

(Produção espontânea)

Dam però segundo já velho e doendo
foi mandado para um erário.

Ele não pode recama por já estar pobre.
E a única coisa que não queria era
sair do Brasil.

Mas não teve escolha teve que ir para
qualquer outro país ele foi para França
em Paris. ele ficou numa de classe baixa
por não tinha dinheiro para ficar em
um lugar de luxo.

Ele adorava receber visita de brasileiros
de pensar que veio da terra que viu lhe nascer.
Estava muito quente e via aquela morte,
e pediu que fizessem ao Brasil e buscasse terra
brasileira e come ela fizesse um brasileiro
para quando ele morrer ~~ter~~ cabeça em paz
e a lembrança brasileira com ele ficar.

(Ficou só sóbria a partir de
leituna feita)

Eu não suporto esse ruído
O som da motocicla no meu ouvido
E o gruto da mãe natureza
que vai perdendo tua beleza.

Eu não suporto esse pranto
dos vícios que carregam em cumulo
o que causou a amolecção dos amarror.

Eu não consigo respira
o oxigenio esta por me faltar
há fumaça e gases no ar por todos o lugar
ah! meu deus, o que faremos para isso tudo acabar?

Tambem sou meio ambiente
sou choro, sou gruto, sou gente
quero voltar a viver contente
plantando e mudando de varor cemente



INÍCIO DA COLHEITA : Segundo Semestre de 1999

minha vida escolar Mudei

Os professores me apoiam sabendo que eu tenho dificuldades mas que também tenho dons me dão todas as oportunidades para meu trabalho mostrar.

pegam muito no meu pé em termos de caderno por que elas não entendem que eu tenho uma boa memória.

e o meu caderno esta mais acumulado

② homem e a exploração

Desde os tempos dos tempos os homens exploraram a natureza para se levantar financeiramente, até chegarem ao ponto de explorar os próprios homens e para dizerem que tem poder de mandar que são o dono do mundo e que tem ao seu comando todos os grãos de areia, e as águas do mar, a chuva que cai do céu.

Como eles pensam isso se não podem mandar em seus atos nem sentimentos.

Exploram até a própria vida com tanta destruição tudo isso porater um cargo importante na vida e um nome no arlido um belo túmulo no cemitério como marcas de valor na memória de seus rostos só foram de destruição?

O passarinho da imaginação

1

Na escola toda o reputavam
Em sua casa ninguém o entendia
e ele se sentia humilhado

O mundo era pequeno
perto de sua imaginação
Em seu pensamento
fazia uma canção.
Era um passarinho
que tinha medo de cantar
por a vida tinha a lhe dado

O que todos pensavam
quando viam seus
rabiscos na caderno bagunçado:
Um diamante não lapidado
Que o tempo e a vida ralada,
batida, lutada, o lapidou.

E o menino que não sabia escrever,
Começa a declamar.
seus rabiscos na caderno
vibraram dentro
dele pois viraram canção.
e assim espera que sua história
sirva de exemplo pra qualquer criança

Assinado

A terra e seu o mar

Vejo o monte Paracou e
Me encanto com a luar.

as pessoas que vêm exultando
A vida a exaltar.

Cigara não seu mais português

meu sangue lusitano

atravessou o mar

Com as folhas das árvores.

as águas dos rios

A música que vem me enfeitar

E da fenda da mata

as raízes da Chão

O meu coração de novo se formou

Então um índio virei

Com a vida com a morte

E a povo Tupi que é
o verdadeiro rei

Hoje vejo o Brasil
de

